ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1938 N.º 5544

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ULTIMA SESSÃO DA ACTUAL LEGISLATURA

Um admiravel discurso do chefe do Governo

em que se definem as directrizes da nossa politica interna e externa

Publicamos em seguida na integra o notabilissimo discurso que o sr. presidente do Conselho proferiu esta tarde, na ultima sessão de trabalhos da actual legislatura:

Em vesperas de nova consulta eleitoral

Senhor Presidente:
Senhores Deputados:

Realiza hoje a Assembléa Nacional a ultima sessão ordinaria da primeira legislatura, e com ela finda, salvo o caso de alguma convocação extraordinaria, a competencia dos primeiros eleitos nos termos da Constituição de 1933. Para ser mais nitido o corte com o passado, mantive-me durante os quatro anos de vida desta Camara sempre ausente embora nunca desinteressado da sua actividade; mas, ao findar este ciclo de trabalhos, e em vesperas portanto de nova consulta eleitoral, não me sofreu o animo que não viesse vincar com a minha presença a solidariedade dos dois orgãos da soberania e congratular-me com a Camara pelos resultados obtidos, ao mesmo tempo que agradeço — e sinceramente o faço — a sua patriotica e valiosa colaboração. Acima da natural divergencia de criterios particulares no exame de uma ou outra questão e das discussões mais ou menos apaixonadas, mas nunca descompostas ou violentas, o que importa notar é o espirito que informou o trabalho comum, é o contributo positivo para a solução dos problemas nacionais. Tomando para si durante o periodo das sessões o que menor valor poderia ter como elementos da nossa obra legislativa, o Governo reservou por principio ao labôr da Assembléa alguns dos mais importantes documentos do sistema juridico português, e parece que nenhum, precedendo os exaustivos estudos da Camara Corporativa, deixou de sair daqui grandemente melhorado.

Obra de salvação publica e de engrandecimento nacional

Termina este primeiro periodo experimental quando acaba tambem de fazer dez anos desde que a mim mesmo começou a caber-me parte maior ou menor de responsabilidade no governo deste Pais e na direcção de uma obra a principio de verdadeira salvação publica e depois felizmente de engrandecimento nacional: só um sentimento de modestia que pelo seu exagêro poderia ser considerada vaidade me levaria a esquecer ou a fingir esquecer um facto a que aliás se quis dar por varias formas relêvo excepcional. E' certo que o ilustre Deputado Doutor Pacheco de Amorim afirma que não devem ter memoria os politicos; e até certo ponto concordo com a afirmação.

Não hão-de ter memoria para as fraquezas dos homens, pois muitas vezes se lhes hão-de confiar como se acreditassem na sua hombridade; não hão-de ter memoria para as ofensas dos inimigos, pois acontece terem de estender-lhes a mão para que ajudem a erguer o que antes por cega paixão desejaram destruir; não hão-de ter memoria para os desgostos, para as noites perdidas, para os esforços mal avaliados, as intenções deturpadas, a honra injuriada, o patriotismo transmudado em interesse, a justiça em gravame, os sacrificios em delicias do Poder, nem finalmente para a ingratidão dos povos, porque a-pesar-de tudo e acima de tudo é preciso servi-los sem ressentimento e governá-los com dedicação. Não; os politicos não hão-de ter memoria para nada que seja obstaculo á colaboração patriotica, para nada que os leve a pagar agravos com outros agravos, para nada que lhes abata o animo no trabalho ou turve na fonte da consciencia as rectas intenções. Vive a memoria do tempo ido, e ainda que eu não saiba se a citada frase se referia a politicos sem passado e tambem felizmente sem futuro, achei-lhe em muitas cousas razão; mas não lha encontrei em tudo.

Sistemas politicos feitos para aplicar ao corpo social

Alguns ufanam-se de sistemas politicos feitos e completos, que basta aplicar ao corpo social, são ou doente, em todas as circunstancias de trabalho, de formação ou de cultura, em todas as raças ou latitudes. E estes obcecados por suas doutrinas ou sonhos de gabinete não têm de saber como são os homens ou como vivem as nações: desprendidos da vida real pelo aprioristico das suas teorias e do passado pela ambição de construir um futuro que não é dele a continuação, tambem não precisam de ter memoria. Mas nós não estamos ai.

Com poderosas amarras a alguns principios fundamentais que a razão esclarecida e a experiencia dos seculos consagraram no exercicio do Poder; servidos por aquelas luzes superiores que iluminam os fundamentos da vida social e os seus fins; vinculados á tradição e á historia da Patria Portuguesa, com seu patrimonio, seus interesses materiais ou morais, sua indole e vocação no mundo, ha dez, ha doze anos se trabalha em tudo que não são bases ou objectivos indiscutiveis, a adaptar, a ensaiar, a experimentar cautelosamente, direi vagarosamente, processos e soluções. Obra de reintegração e de reeducação, obra em que muito ha a salvar do que se perdia e muito a construir e a innovar, é forçoso a cada passo cotejar os principios e a aplicação, as instituições e os resultados, os sacrificios e as vantagens, as reacções individuais ou colectivas perante as reformas que violentam os habitos e os egoismos; é preciso lembrar-se do que era e de como deixou de ser, do que se desejava e do que realmente foi, para se estar habilitado a manter ou a modificar, a prosseguir ou a abandonar, com lealdade, o caminho errado. E para tanto e a bem dos povos devem os politicos ter memoria.

Felizmente que a analise mesmo sumaria da transformação operada em Portugal e o exame dos principios sob cujo influxo ela se operou permitem chegar á conclusão de que, á parte a necessidade de retoques nos pormenores, não ha mais que conservar, desenvolver e aplicar integralmente as grandes bases do sistema.

As contas do Estado

A Camara aprovou ha dias, sobre o relatorio de uma comissão especial que por sua vez se baseou nos minuciosos estudos do deputado sr. Araujo Correia, as contas do Estado até 1936, e consagrou com o seu voto a administração publica em oito anos e meio por que sou directamente responsavel. E a estas poderiam já ser acrescentadas as de 1937, acabadas de encerrar com o saldo de 200 mil contos, tendo-se pago por conta das receitas ordinarias a quasi totalidade daquelas despesas que pelo facto de se referirem a grandes obras de fomento se tinha previsto seriam custeadas por emprestimos.

Todos estes factos — ter contas actuais, dispor de saldos, fazer o julgamento das gerencias logo que findas — são factos unicos no conjunto da nossa historia e são já factos banais na historia da nossa Revolução. Por eles se passa com indiferença, e isso me alegra, pois não ha para mim maior prova de estar bem resolvido um problema do que não dar-se por ele.

São já de um passado morto as finanças arruinadas, os orçamentos com «deficit», a tesouraria exausta, o instituto emissor desviado da sua função, a pobreza do meio circulante, a variabilidade de valor da moeda, a escassez das divisas, as restrições cambiais, os juros altos, os capitais expatriados, as baixas cotações da divida, a multiplicidade inextricavel dos impostos e dos vexames fiscais, a anarquia do credito — tudo enterrado no tempo, mas de desejar vivo ainda na memoria para não poder repetir-se.

Individualismo e liberalismo

Ao classicismo, por assim dizer, da reforma financeira, contrapõe-se a revolução economico-social, realizada no sentido corporativo, e tambem aqui parece não haver que voltar atrás ou mudar de caminho, a termos em conta os beneficios já resultantes do incipiente ordenamento da nossa economia e a melhoria conseguida nas condições do trabalho. E' verdadeiramente uma revolução em marcha, a qual depois de estender-se a todos os sectores da industria e do comercio e de abraçar a agricultura dará á vida economica e social uma feição diferente e imprimirá um cunho especifico á mesma organização do Estado.

Havendo repudiado, com seu cortejo de desastres, o individualismo e o liberalismo do seculo passado, não nos dispusemos a pôr nas mãos do Estado a competencia omnimoda de reger por seus proprios meios e serventuarios a economia da Nação; e tendo-nos revoltado contra uma falsa burguesia parasitaria e gozadora, não queremos caminhar para uma crescente e geral proletarização, pois não nos causaria inveja uma nação em que só o Estado fôsse rico.

Não podem fechar-se os olhos a que nalguns casos recentes o potencial financeiro e economico colocado nas mãos do Estado em virtude de regimes autarquicos, fortemente autoritarios e disciplinados, assume proporções que mal se imaginariam e por ora sem repercussão inconveniente no progresso da propria criação industrial. Os Estados não só ficam dispondo de somas enormes para realizações colectivas, mas dirigem superiormente a economia como fonte de riqueza da Nação e instrumento de politica externa. O que se não sabe ainda é se a maquina continuará funcionando com pleno rendimento sem os genios que ocasionalmente a dirijam; e em qualquer caso é bem de recear a sucessiva extensão da disciplina economica até abranger nas suas estreitas malhas as manifestações espirituais, a familia, o mundo das idéas e dos afectos. E teriamos chegado por este caminho á mesma escravidão de que andamos fugindo. Embora sem fechar os olhos aos ensinamentos que outras formas de organização e outras soluções tragam á solução dos nossos proprios problemas, continuamos a considerar como saudavel ao corpo social larga margem concedida á iniciativa privada e até á concorrencia, desde que o Estado mantenha a posição de ser arbitro supremo entre os interêsses em jogo.

Demasiado longe (segundo o meu modo de vêr e as minhas predilecções pessoais) nos obrigará a ir nesta materia a insuficiencia tecnica ou financeira dos particulares. Mas resolvidos a ir até onde seja absolutamente necessario, não deveremos ir mais além.

Balanço da obra realizada

O chefe do Governo anuncia a construção de novos barcos

Na actividade traçada ao Estado pela lei de reconstituição economica, sabe a Camara como uns após outros se têm formulado os planos necessarios á sua execução e, como depois de aprovados, se lhes tem dado seguimento.

Efectua-se a um ritmo sucessivamente acelerado, sujeito embora ás condições actuais da produção mundial, o rearmamento do exercito, e posso desde já anunciar que em breves dias será aprovada pelo Governo a continuação de reorganização da armada com a construção de novos barcos; executa-se o plano postal, telegrafico e telefonico nos termos aprovados pela Assembléa; acabou de ser aqui votado o plano do povoamento florestal das dunas e das serras ao norte do Tejo; está sujeito á apreciação da Camara Corporativa o plano das obras de hidraulica agricola, sem embargo de ter-se continuado a trabalhar activamente nas obras já aprovadas; estão concluidas ou em grande adiantamento as obras dos portos que constituiram o primeiro plano aprovado pelo ilustre deputado dr. Antunes Guimarães, quando ministro do Comercio, e a que posteriormente se aditaram os portos de Ponta Delgada, Funchal e Povoa de Varzim; procede-se á revisão da lei de portos como condição prévia á aprovação das restantes obras ainda indispensaveis, sobretudo nos de pesca, algumas das quais aliás se têm ido realizando com os recursos ordinarios do orçamento; tem o Governo em estudo o diploma que estabelece as bases da electrificação nacional; a Camara aprovou nesta sessão a reforma da instrução primaria, sôbre a qual se pode gizar a respectiva rêde escolar e formular o plano das casas de escola necessarias em todo o país, e não falo nos edificios liceais e nas cadeias e palacios de justiça acabados de dotar; estão a negociar-se convénios com as companhias ferro-viarias por meio dos quais se esclarecerá a politica de caminhos de ferro, e deve, dentro de poucos meses, encontrar-se uma solução, fora ou dentro das actuais empresas, ao problema da navegação comercial para as colonias. — São cousas muito grandes a passarem do sonho para a realidade da vida ante nossos olhos, atonitos de tanto nos haver a decadencia habituado a tê-las por impossiveis.

(Vêr continuação na pagina central)

O «DIARIO DE LISBOA» DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

BOLSA DE LISBOA

28 de abril

CONTADO

VALORES	Encerramento	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3|4 1936 ..	948$00	941$00	948$00
» 4 0|0 1934 ..	987$00	—	987$00
Emprestimo 4 1|2 0|0 1912	—	—	—
Consolidado 4 1|2 0|0 1933	—	1.023$00	—
» 4 3|4 1934 ..	1.145$00	1.145$00	—
» 5 1|2 0|0 1933	1.067$00	1.060$00	1.068$00
Consolidação 6 1|2 0|0 1940	—	—	—
Externo 5 0|0 1.ª Série ..	—	1.708$00	1.715$00
» 3 0|0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0|0 3.ª » ..	1.715$00	1.715$00	1.720$00
Cautelas 5|juro 3.ª Série	—	—	—
Acções			
BANCOS			
Espirito Santo e Comercial de Lisboa	—	762$00	768$00
Lisboa & Açores, port..	—	378$00	380$00
Portugal, portador.....	—	1.105$00	1.110$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	252$00	250$00	255$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	1.210$00	1.250$00
Tagus.....	—	1.330$00	1.440$00
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	—	9$20	—
Aguas de Lisboa, port..	—	260$00	—
» » ass. 1934	—	146$00	—
» » ass. 1936	—	144$00	—
Credito Predial	—	12$70	14$00
Gaz e Electricidade.....	300$50	300$50	301$00
Portugal e Colonias.....	—	—	—
Navegação	169$50	169$50	170$00
Portuguesa de Pesca....	—	317$00	320$00
» de Tabacos.	381$00	380$00	382$00
Tabacos de Portugal....	—	315$00	318$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	—
S. L. Farmaceutica.....	—	—	—
COLONIA			
Açucar de Angola.....	390$00	389$00	391$00
Busi — 1.ª Emissão	45$50	45$50	49$00
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe, as....	—	—	350$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	215$00	208$00	210$00
Prediais 6 0|0 — 1932 1.ª S	—	—	—
» 7 0|0	101$50	101$00	101$50
União Elect. Port, 6 1|2 0|0	—	—	115$00
» » 5 0|0 ...	104$00	104$00	105$00
Busi 6 1|2 0|0.....	117$00	116$50	—

Obrigações do Tesouro 3 1\|2 0\|0

Aceita inscrições e presta todos os esclarecimentos sôbre títulos do Estado Português.

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial—Rua S. Julião, 69

Telefone 2 5482

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110$15	110$19
New-York	22$07.9	22$09.1
Paris	$68.1	$68.1
Berlim	8$88.1	8$88.6
Madrid	1$37,6	1$37,7
Amsterdam	12$29,3	12$29,9
Bruxelas	3$71.7	3$71,9
Roma	1$16.1	1$16,2
Zurich.....	5$07,8	5$08.1
Praga.....	$76.8	$76.9
Rio de Janeiro.....	1$28.9	1$29,0
Libra ouro	—	—

Retiro da Severa

Rua Antonio Maria Cardoso, 5

Telefone 2 5979

HOJE, A's 21 horas

Noite da Moda. Programa especial de Fado Rigoroso, com os afamados artistas: **ERCILIA COSTA, Arminda Vidal, Adelina Silva, Alfredo Duarte** (Marceneiro), **Julio Proença, Xavier Pinto.**

Sabado, homenagem aos artistas privativos deste Retiro.

Grandiosa parada de artistas.

Primoroso serviço de restaurante.

Jantares a 12$00.

Entrada franca

Precisa V. Ex.a

adquirir a prestações um receptor de Radio, candeeiros electricos de suspensão ou de mesa, cafeteiras, ferros de engomar, — ou tem o seu receptor avariado?

Dirija-se á

ELECTRO LISBOA, L.DA

Rua Augusta, 246-248

Telef. 2 0568

VEDETAS DE HOLLYWOOD

CLARENCE BROWN EM LISBOA

O celebre realizador passou hoje no Tejo, mas não se sabe onde está a Greta Garbo

Greta Garbo, a «divina», passou hoje em Lisboa? Até á hora em que sair o «Vulcania», o misterio persistirá sem que ninguem consiga quebra-lo. Essa incognita feminina viaja pelo mundo, escondendo os seus amores bienais—uma aventura cada dois anos—como uma sombra extra-terrestre. Ha semanas davam-na num dos arredores de Napoles, com o seu ultimo «beguin», o maestro Leopoldo Stokowski, cujo genio não condiz lá muito bem com a certidão de idade romanesca. Ora ela tem de cruzar o Atlantico para chegar á terra de sonho, onde se fabricam sonhos—Hollywood, sobre o Pacifico. Irá directamente da Europa, ou fará escala por Lisboa? Tudo é possivel! De sorte que hoje, na Rocha do Conde de Obidos, quando ultrapassámos a ponte giratoria, em paisagem de ferro geometrico, negrejava no cais uma multidão famntia de curiosidade. Senhoras cinefilas, 70 0/0 e 100 0/0; sapatos ilustres de realizadores, que se particularizam sempre nesse util pormenor pedestre; «estrelas» radiantes, e outras intermitentes; Leon Lazare, cujo nome é o simbolo da «Metro Goldwin Mayer»; o Oliveira Martins, irrepreensivel; Fernando Fragoso, do «Cine-Jornal», que já ha muito tempo perdeu o chapeu como é moda; Aquilino Mendes, com o seu olho foto-electrico de revelador de imagens, e outros, anonimos na sua admiração, ou mesmo sem ela, mas por dever de oficio. Quando a nave italiana, embandeirada em arco, com as côres do seu pais, em bracelete, na «chaminé», fuliginosa, se deixou arrastar até ao cais, um avião indiscreto, talvez numa homenagem á misteriosa estrela, cruzou sobre as suas super-estruturas brancas. O navio, como um gigante vencido, docilmente deixou-se conduzir pelas formigas dos rebocadores, até á doca. Então, os olhos avidos escalaram amuradas, pontes, «decks», da primeira á terceira, querendo lobrigar esse esqueleto genial.

Uns oculos pretos (são os melhores para identificar viajantes incognitos) junto do portaló, intrigaram durante certo tempo a multidão:

—E' ela!

—Não! E' mais magra!

—Vem «encaixotada»!

Cruzavam-se as opiniões, e da Greta nem sombra. A «Maria Valewska», afinal, não viera. Em compensação, porém, o transatlantico trazia-nos, em carne e osso, um dos maiores realizadores da America—Clarence Brown, que, cinematograficamente, tem casado alguns dos melhores artistas de Hollywood. John Gilbert e Grta Garbo, com um titulo tão pecaminoso, como sensacional. Leiam: «O Demonio e a carne». Norma Ssearer, a dos olhos inquietos, e Clark Gable, dando-lhe por presente de noivado «Uma alma livre», de que resultou mais tarde «A fascinação», e tantos outros até chegar agora á «Maria Valewska», em que Greta Garbo, apesar do maestro, se entrega nos braços de Charles Boyer, na sua qualidade de Imperador dos franceses, o que é diferente.

Clarence Brown viaja com sua esposa. Não é uma «estrela». E' uma elegante e distinta senhora, que, apesar da realeza dos seus cabelos brancos, mostra a sua graça sem rugas, nem artificios. O realizador é um homem repouzado, de fisico solido e reflexos controlados, que o nervosismo dos estudios não deve impressionar. Um autentico bloco de gelo, de olhos azues, que devem estudar todos os nossos angulos fisionomicos, sem o aparentar sequer. Uma serenidade fria, imperturbavel, que desafia todos os falsos cataclismos de Hollywood e todas as grandes paixões lacrimejantes da tela.

Vem de Napoles e não viu Greta Garbo:

—Cheguei lá quinze dias depois de ela ter retirado. Do maior escandalo do planeta, como dizem os jornais, só sei o que todos sabem. Estive, porém, na vila, onde Greta Garbo se escondeu...

E mostra-nos para a historia uma linda serie de fotografias dos jardins romanticos, por onde a «divina» passeou, com os seus oculos furibundos.

—Quais os filmes que vai agora fazer?

—«Sweet Heart», com Jeanette Mac Donald, e «Idiots delight», com Norma Sherer e Clark Gable. Do primeiro tirei agora alguns fundos, na Suiça.

E depois, sem superioridade, muito naturalmente, do alto da sua obra:

—Só faço assuntos que me interessam. Plena autonomia artistica e intelectual. Acabei um filme, «Corações Humanos» que, possivelmente, não agradará na Europa, mas que prezo muito, porque procurei nele reflectir certos aspectos da vida americana.

E, cala-se, esperando outra pregunta, ou que o deixem. Mas nem todos os dias passa em Lisboa um realizador da sua categoria. Falamos da «Maria Valewska».

—Houve quem discutisse a interpretação de Charles Boyer.

—E' possivel, mas eu reputo-a o melhor Napoleão que tem aparecido na tela. E' bom não esquecer que Boyer é francês.

—E Greta Garbo?

Clarence Brown prepara-se para tirar um «cliché» de Lisboa

—E' diferente de todos os outros papeis, onde um homem anda sempre atrás dela. Agora sucedeu o contrario.

Fernando Fragoso pregunta, interessadamente, o que sucedeu a Jean Harlow:

—Um caso de insolação, complicado duma doença de intestinos. O sol, na praia de Santa Monica, queimou-lhe a epiderme, numa volupia assassina.

Ha um silencio sobre a bela morta. O cadaver loiro boia, intranquilo, num rio de saudade sincera.

Outra pregunta particular que é um paralelo entre Robert Taylor e Clark Gable.

—Gable—diz o sereno e olimpico Clarence Brown—representa o tipo varonil, dentro da interpretação masculina; Taylor, o caso romantico. São muito amigos, e Taylor tem ganho bastante com os conselhos dele. Em pouco tempo, o rapaz, que era um provinciano, com todos os defeitos duma vida restrita, progrediu imenso.

—Qual a sua opinião sobre o tecnicolor?

—Dentro de três anos todos os filmes serão a côres.

—O que procura nas suas obras?

—Isto, apenas—Humanidade!

Estavamos satisfeitos. Com grande comitiva, Clarence Brown, desembarca, tira uma fotografia, no cais, enquanto os reporteres fotograficos o metralham de «clichés» e dirige-se ao S. Luiz, onde o sr. João Ortigão Ramos e Léon Lazare lhe oferecem um «Porto de honra», numa roda simpatica de realizadores, exibidores, artistas e jornalistas cinematograficos.

A dois dias de uma grande corrida

O mês de maio ficou celebre para a «aficion» portuguesa

Tem sido em maio, que nas ultimas temporadas do Campo Pequeno, se efectuaram as maiores corridas de toiros do nosso tempo. Em 1936 realizou-se o celebre mano-a-mano «Armillita»-Ortega, em 1937 repetiu-se o notavel encontro Ortega-Manolo Bienvenida e no domingo, 1 de maio, realizar-se-á outro encontro formidavel: Vicente Barrera e Manolo Bienvenida!

Barrera e Manolo fôram os triunfadores da corrida de domingo, em S. Sebastian. E, no dia 1 de maio, qual dos dois «colossos» triunfara em Lisboa?

E' o que vamos ver no domingo em que os celebres «diestros» lidarão seis toiros em «mano-a-mano», numa corrida em que tourearão a cavalo os noveis artistas Fernando Salgueiro e D. Vasco Jadim, que tanto exito alcançaram no dia da sua alternativa.

A venda de bilhetes para tão grandiosa corrida abre amanhã, ás 10 horas, nos Restauradores, na tabacaria do Café Avenida.

S. MARÇAL

São os melhores Refrigerantes da Peninsula

Salão Luso Artistico

Hoje, grandioso programa com os apreciados artistas **Margarida Pereira, Manuel Cascais** e **Lourenço de Almeida,** que canta o duêto "Amor de Mãe„, com **Maximino Costa.** Noite de bom fado. **Consumo 1$80.**

Rua Nova da Trindade

O Fado no seu verdadeiro ambiente

Hoje, os populares cantadores

O COLETE ENCARNADO RETIRO ARISTOCRATICO DO FADO

BERTA CARDOSO
DEONILDE GOUVEIA
LUCILIA DO CARMO
JOSÉ PORFIRIO
EUGENIO SILVA

Os bilhetes para o Colete Encarnado dão livre ingresso no PARQUE MAYER. Telef. 2 1508.

Para Tectos e Tabiques
EMPREGUEM
METAL DISTENDIDO
FABRICO NACIONAL
Casa Lino—R. Bacalhoeiros, 113-115
Telef. 2 1374|5 LISBOA Teleg. Onil

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

MOBILAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NÃO ADMITEM COMPARAÇÃO EXPOSIÇÕES PERMANENTES. **Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado) — LISBOA**

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Caíu o maná sobre o cinema. Toda a gente pode vêr um espectaculo de grande categoria, poucos dias depois da sua estreia, como este da «Revista Goldwyn», que se exibe no Tivoli.

Não ha que esperar um mês, se não um ano, até á segunda volta. Hoje mesmo, poderão deslumbrar-se com com essa apoteose da côr, com essa «feérie» deslumbrante, com essa grande parada de artistas e com essa catadupa de mulheres bonitas.

«A Revista Goldwyn» é vossa! Os preços populares do espectaculo—popularizaram essa obra prima do cinema de luxo.

A festa de Lucilia Simões esta noite, no Nacional

E' esta noite, ás 21 e 30, que se realiza no teatro Nacional a festa artistica da ilustre actriz Lucilia Simões, com a peça de Vasco de Mendonça Alves, «A Conspiradora», na qual vai interpretar pela primeira vez o papel que foi criado por sua mãi, a insigne actriz Lucinda Simões.

Os amadores de confrontos terão, assim, ensejo de satisfazer a sua curiosidade, indo esta noite ao Nacional, que deve reunir um publico numeroso e selecto para prestar a Lucilia Simões a homenagem a que tem direito pelos seus meritos e pela sua brilhante carreira profissional.

Atrás do reposteiro

Trabalha-se já, com grande intensidade, no plano de reorganizar a companhia da grande actriz Palmira Bastos para uma possivel «tournée» ao Rio de Janeiro e S. Paulo, com todo o seu ultimo repertorio e ainda mais algumas peças de reconhecido sucesso, sendo que o elenco artistico comportará alguns nomes de prestigio comprovado, entre eles o de Erico Braga, que tem junto da ilustre comediante varios trabalhos de mérito.

— Efectua-se esta noite, no Maria Vitoria, o ensaio geral da nova revista «O juizo do ano», cuja estreia está fixada para amanhã, com a reaparição, neste teatro, á frente do elenco, da actriz Maria das Neves.

— O Variedades termina os seus actuais espectaculos com a opereta «O Pardal de S. Bento», no proximo domingo, á noite, iniciando na segunda-feira os ultimos ensaios, de dia e de noite, da revista «Sempre em pé!», pela companhia que tem como titular a vedeta Beatriz Costa e que deve subir á cena já na proxima semana.

— Consta que se tornou inviavel a idéa da realização duma «tournée» ao Brasil de teatro musicado em que, desde ha meses, se anda cuidando e da qual seria director um ilustre escritor teatral, ligado, comercialmente, a empresas teatrais.

— E' amanhã que no Trindade se efectua a récita em beneficio da Associação dos Diabeticos Pobres, representando-se, pela companhia Adelina-Aura Abranches, a comedia «O grande amor», seguida dum acto de variedades, por varios artistas dos nossos teatros.

— A actriz-comica Teresa Gomes vai interpretar na nova revista do Apolo, «Rebenta a bexiga!», os papeis de «Namorada», «Florista», «Princesa Magalona» e «Menina do Tirinho».

— Os espectaculos da opereta «O Farol da Boa Nova», no Sá da Bandeira, do Porto, devem terminar no proximo domingo, recolhendo a companhia a Lisboa para reaparecer no Coliseu, a 6 de maio, com a revista «Olaré, quem brinca!», mais enriquecida de novidades e de elementos artisticos.

— Parte no proximo sabado para Belas, onde, a conselho do seu medico assistente, fará uma cura de repouso, a actriz Hortense Luz, cujo estado tem melhorado, sensivelmente, nos ultimos dias.

— A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, se não realizar este ano a sua digressão ao Brasil, fará, durante três meses, no país, uma larga «tournée», com os seus espectaculos contratados por todas as empresas, com três peças de repertorio, entre elas «Recompensa», de Ramada Curto.

— Um radiograma ontem recebido em Lisboa comunica que os artistas e demais pessoal da companhia Maria Matos, que vão em viagem no «Nyassa», em direcção a Lourenço Marques, estão todos de perfeita saude e cumprimentam as suas familias, colegas e amigos.

«O Centenario», amanhã, no Avenida

Terminando, hoje, a preços popularissimos, as representações, no Avenida, da comedia «O Pateta Alegre», é amanhã que, em duas sessões, se estreia neste teatro, a celebre peça, em 3 actos, «O Centenario», dos Irmãos Quintero, segunda do repertorio actual da companhia Nascimento Fernandes. «O Centenario», maravilha teatral, consagradissima, tem a seguinte distribuição:

«Mariquinhas», Irene Izidro; «D. Joana», Emilia de Oliveira; «D. Filomena», Filomena Lima; «Eulalia», Maria Salomé; «Maria do Carmo», Sofia Santos; «Rosa», Evangelina Bastos; «Tio João do Monte», Nascimento Fernandes; «Raul», Abilio Alves; «Romão», Alves da Costa; «Evaristo», Gil Ferreira; «Alonso», João Silva, e «Manuel», José Alves, passando-se a sua acção em Arenales del Rio, na provincia espanhola da Andaluzia, antes da guerra actual.

«O Correio de Lyon», Odeon e Palacio

O impressionante êrro judicial do famoso processo do assassinio e roubo do Correio de Lyon, duplo-crime — o propriamente dito e o do êrro judicial — levado a cabo na post-revolução francesa, continua a agitar a consciencia universal e constitui um simbolo de tantos êrros judiciais cometidos antes e depois. Aquele homem que morreu na guilhotina por se parecer com o criminoso, continua sendo a vitima — especifica de tantos êrros cometidos pela teimosia ou excesso de zêlo dalguns magistrados, e vitima do tão falivel e fragil testemunho humano, susceptivel de leviandade, quando não de rancôr.

Muitas vezes foi tratado já no livro, no teatro e até no cinema, este caso famoso que nos surge agora em mais perfeita realização cinematografica, bem dado o espirito da epoca, e bem aproveitados todos os pormenores do celebre processo, sendo perfeita a interpretação de Blanchard, na dupla figura da vitima e do criminoso; e de Dita, na mulher do primeiro, bem como a das restantes figuras, ainda as mais secundarias.

Complementos magnificos, com bons documentarios de Gibraltar, da revista retrospectiva dos progressos da aviação, jornais de actualidades, etc. — R. P.

«A voz de oiro de Gigli», amanhã, no Coliseu, e uma empolgante alta comedia inglesa

Amanhã, o grande acontecimento é a audição da voz soberana do maravilhoso tenor Gigli, o melhor cantor italiano em canções lindissimas e nos mais belos trechos de opera, na estreia do filme «O Cantor de Sua Alteza», ansiosamente esperado por todo o publico, bem como a celebre obra prima do cinema inglês, «O Caminho da Verdade», formidavel depoimento sobre um oportuno tema social, com Ralph Richardson e Edna Best. Preços acessiveis a todos. Bilhetes á venda.

Um romance de Camilo
que é retirado do ensino

A 3.ª secção da Junta Nacional de Educação elaborou um parecer, por ordem do ministro da Educação Nacional, a respeito do quilate moral e valor educativo do romance de Camilo Castelo Branco «O Bem e o Mal», cuja leitura a legislação em vigor torna obrigatoria para os alunos do 4.º ano dos liceus.

No referido documento faz-se uma apreciação larga da obra, chegando-se á seguinte conclusão: «O romance em discussão não pode considerar-se como livro são e educativo para os alunos a que se destina».

Um recital poetico

Maria Luiza Saldanha de Sousa, discipula do actor Manuel Lereno, é uma notavel declamadora de 11 anos de idade, que os ouvintes da Emissora Nacional, da Radio Renascença, da Radio Sonora e da Radio Luso conhecem com o nome de «Manon», e que recentemente interpretou, com grande exito, no Ateneu Comercial, «Uma anecdota», de Marcelino Mesquita, realiza, no proximo dia 8 de maio, na Casa de Entre Douro e Minho, na rua Vitor Cordon, um interessante recital poético, de cujo programa tambem fazem parte numeros coreográficos e de piano e um trecho duma peça dramática por aquela declamadora.

Vamos lêr!

E' um convite á leitura da revista mais completa da actualidade, que interessa igualmente ao Pai, á Mãi, aos Filhos, a toda a Familia, tal a variedade de assuntos que apresenta nas suas 84 paginas: **Literatura — Historia — Arte — Ciencias — Politica Internacional — Actualidades — Contos — Novela Policial — Modas — Conselhos de Beleza — Curiosidades — Anecdotas — Charadas e Enigmas — Cinema e muitas outras coisas interessantes.**

Magnifica ilustração em rotogravura, com fotografias de todo o Mundo. «VAMOS LÊR!» é uma verdadeira enciclopedia de cultura popular, uma revista para lêr e guardar.

«VAMOS LÊR!» encontra-se á venda em todas as tabacarias de Portugal e sai todas as QUINTAS-FEIRAS.

Vamos lêr!

Suc. Portugal e Colonias: P. Restauradores, 13, 3.º—Lisboa—Telef. 2 9654.

POLITEAMA

Telefone 2 6305

Amanhã: 6.ª feira

NOITE DE GRANDE GALA

Inauguração da temporada oficial da companhia

ITALIANA DE OPERA LIRICA

Apresentação dos famosos artistas do «SCALA», de Milão, ROSETTA PAMPANINI, soprano, e ALESSANDRO ZILIANI, tenor, em a

MADAME BUTTERFLY

Orquestra da Emissora Nacional. Maestro-Director ANGELO QUESTA

Bilhetes á venda

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«A Conspiradora».
AVENIDA—A's 20 e 45 e ás 23—«O Pateta Alegre».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«O Pardal de S. Bento».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
CONDES—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
JARDIM CINEMA—A's 21.
LYS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 71722
2.ª semana — **Maria Walewska** (em exclusivo) com **Greta Garbo** e **Charles Boyer**

CONDES — A's 21 e 30 — Telef. 2 2523
7.ª semana — **A Canção da Terra** filme português de **Jorge Brum do Canto**, com **Elsa Rumina, Barreto Poeira**. **A HORA H**, com a Orquestra Aldrabofona.

TRINDADE — A's 21 e 30 — Telef. 2 0000
Almoço para dois com Barbara Stanwick e Herbert Marshall — Preços de 2$50 a 7$00

EDEN — A's 21 e 30 — Telef. 2 0768
2.ª Semana e ultima — **TARAKANOVA** com Annie Wernay, Pierre Richard Willm, Susi Prim e Roger Karl — Raios X — Complementos Vivos

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595
2.ª Semana — **A Revista de Goldwyn** filme colorido e musical com os Irmãos Ritz, Vera Zorina. Preços: 4$50 e 2$00

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283
O Correio de Lião com **Pierre Blanchar** e **Dita Parlo**

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 A's 21
Uma donzela em perigo com Fred Astaire — **ESPIA**

TERRASSE — Tel. 2 0917
Ordens secretas Sob duas bandeiras

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21
Um advogado em calças pardas — Voando para o Rio de Janeiro

CENTRAL — TEL 24361 — Soirée ás 21 e 30
A VOZ DO MUNDO — Lily Pons — **O rouxinol da Selva**

PARIS — Telef. 6 2230 — A's 21 h.
Nasceu uma estrela filme colorido com Janet Gaynor — **Vivenda tragica**

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15
Palhaços com Richard Tauber — **Unidos eternamente**

LYS — Tel. 4 9560
A ROSA DO ADRO — Rainha sem trono

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3065.
Tempos modernos — **ACORDE FINAL**

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30
O Veleiro maldito

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Variedades
HOJE E ATE' DOMINGO
Ultimas Representações
A's 8,45 e 11 horas da opereta popular
O Pardal de S. Bento
A PREÇOS POPULARISSIMOS
Na Proxima Semana: A revista
Sempre em Pé!
com **Beatriz Costa**

AVENIDA
Hoje: A's 8,45 e 11 horas
Ultimas representações da comedia
O Pateta Alegre
A PREÇOS POPULARISSIMOS
Amanhã: Estreia neste teatro da celebre comedia dos IRMÃOS QUINTERO
O CENTENARIO
Protagonista: NASCIMENTO FERNANDES

Na prisão de ventre
DRALAX

ASSEMBLÉA NACIONAL

A ultima sessão de trabalhos

revestiu-se de grande interesse

A sessão da Assembléa Nacional abriu hoje, ultimo dia de trabalhos da actual legislatura, ás 10 e 50, respondendo á chamada 53 deputados.

O sr. dr. Pinto de Mesquita leu, antes da ordem do dia, uma larga exposição acêrca de fóros e laudémios.

Entrou-se depois na ordem do dia, e procedeu-se á ratifação pura e simples dos decretos-leis n.ºs 28.572, que autoriza a Camara Municipal de Lisboa a utilizar no 1.º semestre do corrente ano a verba consignada no seu orçamento de despesas; n.º 28.582, que torna obrigatorio nas ruas ou zonas da vila de Loulé em que se encontra estabelecida a rêde de distribuição de aguas, instalar as canalizações domiciliarias e fazer a sua ligação á rêde para todos os predios de rendimento colectavel superior a 200$00; n.º 28.586, que torna aplicavel o disposto no decreto-lei n.º 27.585 (isenção de quaisquer impostos, taxas ou outros encargos cobrados pelas alfandegas, juntas autonomas dos portos, camaras municipais e misericordias) ás conservas fabricadas no corrente ano durante o periodo em que é vedada a fabricação com a designação de conservas de sardinha; n.º 28.590, que fixa as indemnizações a pagar aos sinistrados da Grande Guerra a quem foi reconhecido o direito a reparações e ainda nada tenham recebido.

Subiu á tribuna em primeiro lugar o sr. dr. Juvenal de Araujo, que defendeu a necessidade de ser aprovado o diploma que visa a construção e reparação de estradas e caminhos vicinais da ilha da Madeira.

Postos á votação os decretos respectivos n.ºs 28.591 e 28.592, foram estes ratificados pura e simplesmente, bem como o n.º 28.601, que regula as transgressões da pesca; e 28.603, que concede uma pensão a D. Raquel Castelo Branco.

Pelo sr. dr. Alberto Pinheiro Torres foi agradecida ao Governo a forma generosa com que atendeu á situação da neta de Camilo.

Acêrca da construção dos Palacios de Justiça usou da palavra a sr.ª D. Maria Candida Parreira, que começou por fazer o elogio da Assembléa Nacional, e da sua acção disciplinada, passando a defender a necessidade não só de Palacios de Justiça mas tambem de edificios prisionais, não esquecendo os destinados a mulheres, e as créches, todos previstos na proposta do sr. ministro da Justiça.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. dr. Antunes Guimarães, que defendeu a referida necessidade e a proposta do sr. ministro da Justiça.

O sr. dr. Querubim Guimarães, defendeu tambem a proposta, saudando nêste ultimo dia a Assembléa Nacional e o seu presidente, de quem fez caloroso elogio, recordando os nomes de deputados que não puderam acompanhar os trabalhos até ao fim, como Alexandre de Albuquerque.

Tambem o sr. dr. Pinto de Mesquita defendeu a proposta do sr. dr. Manuel Rodrigues, bem como o sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, que afirmou representar o diploma e a dignificação da Justiça, pelo que presta homenagem á magistratura portuguesa, e a coroação da reforma do regime prisional. O orador terminou afirmando levar desta legislatura a melhor recordação e a convicção de se haver bem servido sob a direcção do melhor dos presidentes, o sr dr. José Alberto dos Reis.

O sr. dr. José Alberto dos Reis encerrou a sessão ás 13 horas, marcando a reabertura para as 16, e solicitando para a comissão da ultima redacção um voto de confiança, que foi concedido por aclamação.

A sessão da tarde

A sessão na Assembléa Nacional reabriu ás 16 e 25. Responderam á chamada 56 deputados, presidindo o sr. dr. José Alberto dos Reis, secretariado pelos sr. engenheiro Botelho Neves e dr. Favila Vieira.

As galerias estavam cheias, dando as senhoras uma nota inedita á sala. A atmosfera era de interesse e de espectativa. Na tribuna, além dos costumados aparelhos de sonorização, foram montados microfones da Emissora Nacional destinados a uma gravação que será radiodifundida esta noite.

Assistiram á sessão, na tribuna dos ministros, os srs. ministro da Justiça, presidentes das Camaras Municipais de Lisboa e Porto, e procuradores á Camara Corporativa.

Antes da ordem do dia, o sr. engenheiro Cancela de Abreu disse que no inicio de periodo legislativo, em 1936, apresentou uma proposta pela qual se criava o feriado de 28 de maio.

A Camara Corporativa foi de parecer que a proposta era inconstitucional, mas louvou a iniciativa, propondo a supressão de outro feriado para dar lugar áquele. Não é esta a ocasião para discutir o assunto, disse, apesar de não perfilhar o criterio da Camara Corporativa. Não quere tambem fazer a defesa do feriado, que seria amesquinhar a data de 28 de Maio.

O orador afirmou que desejava apenas recordar o facto nesta ultima sessão legislativa, esperando que seja feita uma revisão dos feriados nacionais, para inclusão do feriado de 28 de maio. (Muitos apoiados).

Entrando-se na ordem do dia, Construção dos Palacios de Justiça, usou da palavra o sr. dr. Diniz da Fonseca, que bordou varias considerações sobre a proposta, da qual fez o elogio.

Sobre a proposta falou depois o sr. dr. Vasco Borges, que teceu calorosos elogios a esse documento. Frisou que, se ha proposta que não mereça discussão, esta é uma delas, tão claros são os seus objectivos.

O orador considerou absolutamente necessarias instalações condignas para os tribunais, pelo menos, em Lisboa e no Porto, e justificou claramente o seu pensamento. Aludiu aos actuais tribunais, pessimamente instalados, para demonstrar a necessidade da construção dos Palacios de Justiça, e declarou que essa obra se deve a um homem, o sr. ministro da Justiça, a quem o país deve já relevantes serviços, e que bem pode considerar-se como o renovador integral da vida juridica portuguesa.

Em seguida, a proposta foi posta á votação na especialidade, com algumas emendas apresentadas por varios deputados, sendo aprovados os seis primeiros artigos.

Acêrca de alterações a artigos seguintes, usou da palavra o sr. dr. Ulisses Cortez, após o que o sr. dr. Antunes Guimarães pediu para retirar as suas propostas de alteração, o mesmo fazendo o sr. dr. Pinheiro Torres.

Depois de ter sido aprovado o artigo 7.º, o sr. dr. Ulisses Cortez voltou á tribuna, para declarar que os restantes artigos se referiam apenas á mecanica da proposta, pelo que não via impedimento á sua aprovação.

A chegada do chefe do Governo

Nesta altura, ás 17 e 25, deu entrada na sala o sr. dr. Oliveira Salazar, que imediatamente tomou assento na mesa da presidencia, á direita do sr. dr. José Alberto dos Reis.

Foram ainda postos á votação os restantes artigos da proposta, um a um, sendo todos aprovados, pelo que ficou exgotada a materia da ordem do dia.

Na tribuna ministerial deram entrada neste momento mais os srs. ministros da Educação Nacional e das Colonias, os srs. sub-secretarios de Estado da Guerra e das Corporações, o secretario da Propaganda Nacional, e o reitor da Universidade Classica de Lisboa.

O sr. dr. José Alberto dos Reis anunciou depois que ia usar da palavra, conforme o seu direito, o sr. presidente do Ministerio.

O sr. dr. Oliveira Salazar pronunciou, então, o discurso que noutro lugar publicamos.

O discurso do sr. dr. Oliveira Salazar foi acompanhado de vibrantes e frequentes apoiados, ouvindo-se uma prolongada salva de palmas, quando o sr. presidente do Conselho anunciou o reconhecimento, de direito, do governo do generalissimo Franco, como governo de Espanha. O discurso terminou, ás 18 e 15, coroado por palmas freneticas e repetidas e por muitos «vivas» a Salazar, que retomou o seu lugar na mesa da presidencia.

Subiu depois á tribuna o sr. dr. Mario de Figueiredo, que disse que neste final de legislatura, um deputado em nome de todos os deputados, havia de falar da hierarquia da Assembléa, e que o deputado designado fôra ele:

—Mal diria eu que o havia de fazer depois do discurso do sr. presidente do Conselho e tendo a assistir o sr. presidente do Conselho. Não tenho senão que lisongear-me com o acaso, mas quando os homens atingem certa altura, por maior que tenha sido a sua intimidade, falando-se ao pé deles, sente-se o sabor da responsabilidade.

«Tem-se mêdo de passar além e de ficar aquem, e o sabor da responsabilidade acentua-se quando, quem o fala o faz não só em nome proprio mas tambem em nome de outrem que é o meu caso.

Dirigindo-se ao sr. dr. José Alberto dos Reis, o sr. dr. Mario de Figueiredo, disse:

—A V. Ex.ª, como presidente da Assembléa Nacional, quero afirmar-lhe o nosso respeito e assegurar-lhe a convicção de que para esta Assembléa Nacional não era possivel encontrar melhor presidente, nem que como V. Ex.ª encarnasse melhor o seu espirito.

O sr. presidente do Conselho acaba de reconhecer que a Assembléa Nacional colaborou bem, o que nos deve deixar completamente satisfeitos.

O sr. dr. Mario de Figueiredo dirigiu ainda uma saudação á Camara Corporativa, e disse que a ultima nota do seu discurso seria a respeito do sr. dr. Oliveira Salazar.

—Só quero dizer, traduzindo o pensamento da Assembléa, que traduz por sua vez o do país, que o sr. presidente da Republica, escolhendo-o e assegurando-lhe a sua confiança, corresponde aos sentimentos de todos, pois todos o consideram o interprete autentico, indiscutivel, da vocação historica da Patria.

O sr. dr. Mario de Figueiredo terminou, dizendo que, festejando-se hoje o aniversario do sr. presidente do Conselho, a nação está em festa.

Muitas palmas. O sr. dr. José Alberto dos Reis encerrou a sessão, agradecendo as palavras do sr. dr. Mario de Figueiredo, afirmando que os trabalhos da Assembléa não podiam findar de melhor maneira do que com a presença do sr. presidente do Conselho.

Registaram-se novas ovações que atingiram o delirio quando o sr. dr. Oliveira Salazar abandonou a sala.

O sr. dr. O

acêrca da r

(Continuação da 1.ª pagina)

A base corporativa

A ligação do economico e do social

Esta vasta acção de fomento ajudará algum tanto a solução de outros problemas, mas é da organização sobre a base corporativa de toda a actividade nacional que ha de provir o remedio para muitos dos males actuais. Temos sustentado ser pura ilusão—e bastos exemplos estranhos o confirmam—separar o social do economico, como se a vida de nós todos pudesse ser independente do trabalho e da riqueza que se produz. Mas assente essa absoluta dependencia para marcar o limite das possibilidades, tambem não entra nas nossas concepções, como forma definitiva de organização social, que seja por intermedio do Estado que passem todas as realizações em beneficio dos trabalhadores. A ligação do economico e do social não é para nós apenas a indesmentivel afirmação de um facto, mas a directriz marcada para a acção. Salarios, seguros de doença ou invalidez, habitação, repouso e ferias, subsidios familiares, recreios, assistencia aos trabalhadores invalidos não poderiam viver do orçamento publico senão como meio transitorio, pois não teriamos no fundo senão suplementos de salarios pagos ao Estado em imposto para que os devolvesse sob a forma mais ou menos disfarçada de assistencia aos trabalhadores, quando o que deve ser é tê-los em cada ramo de produção como encargos directos e justa compensação do trabalho. Ficará tudo assim mais no seu lugar.

A-pesar do muito que está realizado com as casas economicas, os contratos de trabalho, a constituição das caixas de reforma, a extensão do direito de aposentação aos operarios do Estado, as ferias pagas, a fiscalização das condições de trabalho, não fujo a dizer que estamos muito longe do mencionado objectivo, primeiro pela fraca resistencia da nossa economia, depois pelo baixo rendimento do nosso trabalho, e por fim porque só lentamente estas idéas vão penetrando nos dirigentes das empresas nados e criados noutro ambiente. Não creio que a força da nova mistica vença por si só a resistencia dos egoismos individuais e das mentalidades feitas em sentido contrario: eis por que julgo que o Estado deverá usar da sua força para conseguir mais rapida compreensão, reservando sempre para si restabelecer em beneficio dos provaveis desfavoracidos o desequilibrio provocado pelas condições da produção rica e pobre.

Os trabalhos da Camara Corporativa

Não podemos estranhar que num Estado corporativo se assista á evolução dos orgãos politicos á medida dos progressos da revolução corporativa e que dentro de anos a face actual das coisas se tenha transmudado.

Assim a Camara Corporativa, segundo a organização que lhe foi dada em 1934, não corresponde já, inteiramente, á parte a excelencia do trabalho produzido, ao estado actual e ao proximamente futuro da organização corporativa, estando indicado venha a sofrer no interregno duma para outra legislatura as modificações resultantes dos progressos realizados.

Acentuou-se já na ultima reforma da Constituição a quebra do paralelismo funcional das duas Camaras; e quanto á Assembléa Nacional duvido de que as alterações ultimamente votadas lhe dêem a maleabilidade exigida pelo exercicio da função legislativa a par e passo das necessidades do Estado; suponho teremos de ir ainda mais longe.

Mais um motivo para louvarmos a previdencia com que se facilitou a revisão constitucional e nos permite sem solavancos nem precipitações ir adaptando os orgãos da soberania á realidade organica da Nação.

A politica colonial

«Não fizemos ainda cessar de todo as vozes maldizentes...»

Passando apenas pelas cumiadas que representam os maiores problemas da

Café Portugal
PRAÇA D. PEDRO IV, 57
Telefone 2 5065
Amanhã BACALHAU Á PORTUGAL
O melhor serviço á carta
Aviso: A gerencia, atendendo á grande afluencia de publico, reserva o salão da cave exclusivamente para serviço de restaurante todos os dias, das 12 ás 15 e das 19 ás 21 horas.

JOALHEIRO
MIRANDA & F.os
JOIAS E PRATAS QUE SE DISTINGUEM

liveira Salazar fez importantes declarações

ossa politica externa e da situação criada pela guerra de Espanha

nossa Patria, direi ainda duas palavras relativas á politica colonial.

Uma vez definida pelo Acto Colonial de 1930, não houve até hoje necessidade de tocar-lhe; e dentro das bases nele traçadas se publicaram a Carta Organica e a Reforma Administrativa Ultramarina. Para normalizar inteiramente a administração, regulou-se, por modo que parece definitivo, o regime das dividas das colonias á metropole e o das dividas intercoloniais.

O tempo desmentiu as profecias que auguravam os piores resultados da aplicação dos principios de ordem metropolitana aos dominios coloniais. Saneada a vida de cada um, em todos se desenvolveu a produção e o comercio, tomaram notavel incremento as obras publicas, segundo planos previamente elaborados, intensificou-se a obra missionaria, a instrução e assistencia aos indigenas, e o magnifico espirito de cooperação imperial e de dedicação á mãi-patria vai receber justa consagração na viagem do Chefe do Estado á Africa Ocidental dentro de meses e esperamos que para o ano á outra costa.

Certamente não fizemos ainda cessar de todo as vozes maldizentes, algumas criticas estrangeiras á colonização portuguesa, nem as alusões á desproporção entre a relativa pequenez da metropole e a extensão dos dominios que colonizamos; não será facil consegui-lo, pois sabemos que tais estudos não pretendem ser objectivos nem os orienta um espirito de verdade ou de justiça: têm outra razão de ser e outro fim, contra o qual se deve estar sempre prevenido.

A politica externa

Fui demasiado longo nas minhas considerações, mas a-pesar disso não desejava terminá-las sem ligeira referencia á nossa politica externa e á situação internacional portuguesa, pois, ainda que os factos possam falar por si, convém esclarecê-los com alguns elementos de interpretação.

Tem-se a Europa encontrado nos ultimos tempos, por mais de uma vez, á beira da catastrofe, e o relativo apaziguamento desta hora não pode garantir-se que sobreviva á resolução de algumas grandes dificuldades pendentes. Levou-a até ai a politica «idealista» presa de certos grandes tropos conhecidos e de algumas frases feitas; foi o tempo em que crédulamente se admitia a miragem da «paz universal e indivisivel» e da «segurança colectiva», dos acôrdos e pactos «no quadro da Sociedade das Nações». Esfalfada esta pelo grande esforço a que a obrigaram, muito para além das suas possibilidades, eis que de todos os lados se afirma e goza do maior favor a chamada politica «realista», aureolada por alguns grandes sucessos. Por mim estou em recear tanto uma como outra; preciso para isso de defini-las a ambas.

A politica idealista não é essencialmente uma politica do ideal; pode tê-lo, pode não tê-lo, e geralmente não tem nenhum. O que a caracteriza é a ausencia do real, é a abstracção dos factos, é estar vinculada a sistemas teoricos sem ligação com as realidades da vida e as mutações produzidas pelo dominio de outras correntes doutrinarias e pelos acontecimentos historicos. Quere dobrar o mundo ás suas concepções abstratas, sem medir as possibilidades nem as contingencias nem as forças opostas, e por esta forma acumula fracassos sobre fracassos.

O dogma da bondade dos homens

Nos ultimos anos entrincheirou-se no dogma da bondade dos homens e da inocencia das nações, no sonho da paz perpetua entre os povos, como se todos fôssem pacificos e estivessem contentes, na abolição das guerras, na possibilidade do desarmamento integral, na virtude imanente do direito e da justiça.

Por este modo tornou-se extatica e inactiva, cega perante todos os factos que á evidencia demonstravam a sem-razão das suas posições: cega perante o facto de serem alguns pacifistas que preparavam as guerras; cega perante o facto de que o direito criado pelas vitorias só pode manter-se enquanto se mantem a força que o impôs; cega perante as divergencias entre os sentimentos e os interesses de um lado, os acôrdos e os compromissos do outro: cega em Espanha, cega em Praga, cega em Genebra, cega em muita outra parte.

Em face desta perigosa cegueira, outras nações aplicaram metodos diferentes e obtiveram incontestaveis triunfos. Com inteiro conhecimento das circunstancias, das possibilidades proprias e alheias, houve realismo no Sarre, realismo na Renania, realismo em Dantzig, realismo no «Anschluss»; do outro lado houve e ha tambem realismo no Brenner em 1934, na adesão ao acôrdo de Nyon para a fiscalização do Mediterraneo em 1937, no recente convenio anglo-italiano, e até nos contidos sentimentos com que se aceitou o desaparecimento da Austria.

Simplesmente—e começam aqui agora as restrições—esta politica fascinará em breve as inteligencias e apresentará o perigo de arrastar as vontades para o que no meu pensar é já desvirtuamento da politica realista—a politica do «facto consumado», a politica da «fôrça». Eu sei que a razão tambem tem a sua força, por outras palavras, tambem é uma realidade: o maior empenho dos que se dispõem a recorrer ás armas é demonstrar, e nisso lhe prestam homenagem, que o fazem em defesa do seu direito. Mas ninguem tem duvidas de que essa força não basta, e os que desejariamos viver na paz e segurança do nosso direito teremos de lamentar toda a politica indiferente ás imposições do direito e desprovida dum ideal superior de justiça—lamentar e, em harmonia com as realidades, prevenir-nos tambem: tal é o sentido do nosso rearmamento, das amizades na Europa e fora dela e da aliança inglesa..

Amizade peninsular e poderio atlantico

Conformemente ao que nos dava a observação dos factos, já em 1935 a nossa actividade internacional era definida nas palavras seguintes, a cujo sentido nos temos mantido fieis:

«Sente-se que a linha tradicional da nossa politica externa, coincidente com os verdadeiros interesses da Patria Portuguesa, está em não nos envolvermos, podendo ser, nas desordens europeias, em manter a amizade peninsular, em desenvolver as possibilidades do nosso poderio atlantico».

Do caracter de potencia atlantica nasceu a aliança inglesa, e provêm, juntamente com justos imperativos dum dos maiores factos da nossa historia, intimas e poderosas ligações com o Brasil.

Refiro-me em primeiro lugar á aliança anglo-lusa.

A Europa está bastante inquieta e um dos sinais do seu nervosismo é sem duvida o ciume que provocam manifestações correntes de boa amizade internacional e a necessidade de reafirmações sucessivas dos mesmos sentimentos, como se os tratados e acôrdos não vivessem da confiança na palavra dos Estados mas se alimentassem como derriços de constantes declarações sentimentais. Nós não adoptamos porém essa forma de proceder, nem na verdade tenho nada a acrescentar ao que disse sobre a aliança inglesa em 6 de Julho do ano passado. A's mesmas necessidades e interesses correspondem os mesmos sentimentos e compromissos: daqui não se falta ao devido; e da parte da Inglaterra estou certo de que tambem não.

Em todo o caso não fujo a notar que nos ultimos meses, por vezes em dias seguidos, jornais da esquerda em Inglaterra (é certo que de muito baixa cotação) agridem Portugal, convidam o Governo a rever, como quem diz a abandonar a aliança, sugerem-lhe se apodere, para sua segurança, de territorios nossos, e parlamentares da oposição insistentemente o provocam a responder sobre a validade dos tratados de aliança e a sua aplicação ás colonias, e não certamente pelo gôsto de ouvirem confirmar a plena validade de compromissos antigos.

O valor da aliança inglesa

Ora nós sempre considerámos, por nossa parte, a aliança como negócio de Estado e não fruto das simpatias de partido, e que assim tambem tem sido do lado inglês temos a prova nas declarações terminantes que a êsse respeito foram feitas por membros da actual oposição quando no Governo, com tal força se lhes impunha, juntamente com as responsabilidades dos interesses britanicos, a comunidade de interesses anglo-portugueses em que se funda a aliança.

Por esta razão, mencionando o facto para acusar-lhe a estranheza, não o tenho considerado como suficiente para causar-nos preocupações; antes o tenho atribuido a circunstancia de começarem a aparecer no regime politico inglês processos de combate que caracterizaram desde o principio as democracias continentais. Supondo, porém, que me engano neste juizo, mais acertada ainda se mostra a politica que seguimos — «valorizar-nos», de modo que a nossa amizade seja sempre querida e o nosso valimento, em favor deste ou daquele, nunca nos seja imposto, nem declinado. se oferecido.

A situação do Imperio Britanico no mundo, a situação de Portugal no Atlantico e em Africa são factores suficientes a imporem-nos por tempo imprevisivel a mesma colaboração de aliados; e por este motivo consideramos da maior importancia para ambas as nações que o Governo Inglês haja tomado a iniciativa de mandar a Portugal uma missão militar que há varias semanas estuda com os nossos tecnicos problemas de interesse comum. Há muito tempo se fazia sentir a necessidade de mais estreitos contactos, de assidua troca de conhecimentos e informações, e até, de maiores precisões no que toca ao funcionamento da aliança. Estas particularmente são-nos uteis, e somos obrigados a atribuir-lhes o maior interesse, se necessario na base de quaisquer negociações, pois sem elas não seria nunca facil definir em Portugal qualquer jolitica militar. E mais não é preciso dizer para inferir a perfeita solidez na actualidade dos laços que desde seculos nos unem á Inglaterra, sem prejuizo das boas amizades que a outros nos prendem.

A guerra de Espanha

Digamos agora alguma cousa da Espanha. «Nós desejamos tam amigaveis e cordeais relações com a Espanha que desapareçam desse lado todas as desconfianças e preocupações. Não só no campo economico se podem desenvolver muito as relações entre Portugal e a Espanha, mas ainda no campo politico parece não ter hoje aquela nação nenhum interesse contrario aos interesses portugueses, dado que a nossa plena independencia, para a realização dos nossos destinos no mundo, tem de ser axioma fundamental da politica espanhola. Nesta base temos o campo aberto para entendimentos mutuos».

Estas palavras eram tam sinceras e leais que as dirigia eu em 1935 a alguns que, aliás, veio depois a demonstrar-se tinham no seu passado ligações delicadas com emigrados politicos e combinações suspeitas acêrca de Portugal, e estas talvez não assentassem nos mesmos postulos, a considerarmos o entusiasmo com que se lhes referiam trechos de «memórias» já publicados.

Continuamos a oferecer á Espanha a mesma amizade fraterna

Desde então do lado de lá da fronteira houve a revolução e a guerra, substituiram-se por outras muitas situações politicas, implantaram-se novas idéas de governo, estão em favor outras doutrinas, revelaram-se amizades e influencias — em suma, muita cousa mudou; mas do nosso lado nada, pois continuamos a oferecer á Espanha a mesma amizade fraterna. Não queremos ficar aquém e não podemos ir mais longe.

Nós sabemos que esta posição é perfeitamente compreendida e aceite pelas pessoas responsaveis no governo e direcção mental da Espanha nacionalista, e temos atribuido alguns desvios aos fumos inebriantes da vitoria, á exaltação provocada por durissimos sacrificios e á necessidade de apelos aos mais altos heroismos. Passado o momento convulso da horrorosa guerra civil, esmagado o comunismo e salva a Espanha para a civilização ocidental, quando os espanhois se ocupem de reparar as ruinas e de erguer o futuro, a todos se há-de impor, como a própria evidencia e luz da razão politica, este facto irredutivel da dualidade peninsular, contra o qual, se foram impotentes as tradições federalistas das duas republicas, tambem não o é menos a tradição imperialista de Filipe II.—Mas eu afastei-me um pouco do ponto preciso que acêrca da Espanha desejava tratar.

«Pode afirmar-se que persiste o chamado governo legal?

Influencias a que há muito vinham estando sujeitos alguns governos espanhois, aumentadas com o desenrolar e as necessidades da guerra, as vicissitudes desta, a mesma ideologia do crime e destruição que está no fundo da resistencia de muitos, fizeram com que o governo que tinha por si a presunção da legalidade fosse perdendo, uns atrás de outros, todos os requisitos de governo legitimo. Dividida a Espanha não reconquistada em fracções, cada uma agora já sujeita a seu governo, suspensa a Constituição, substituidos uns governantes por outros sem sujeição aos preceitos constitucionais, evidenciada a carencia da autoridade na inexistencia de garantia das vidas, crenças e bens das pessoas, como a lei ainda teóricamente as define, poderá afirmar-se que persiste em Espanha o chamado governo legal? Quando por outro lado se considera nos territorios libertos da guerra ou do terror vermelho, como reina a ordem, se desenvolve o trabalho, se administram os interesses gerais, se cuida do bem dos povos, poderá continuar-se a dizer que se trata apenas do mando arbitrário de generais rebeldes?

Tendo meditado longamente sobre este problema, pareceu-me que seriamos reus de covardia não encarando de frente as situações criadas e não tirando delas as conclusões que se impõem—reconhecendo de direito o Governo do generalissimo Franco como Governo de Espanha. E o que anuncio agora realizá-lo-emos em breve. Estando ainda longe o termo da guerra, não fazemos com isto um negocio, nem vamos pressurosos ocupar uma posição; afirmamos simplesmente ante a reserva ou a incompreensão do grande numero os direitos da verdade e da justiça.

«Portugal foi chamado a nova vida, como se ressurgisse do tumulo»

Vou concluir. Relembrando factos, repetindo idéas, tocando problemas, não tive a pretensão de fazer nem um apanhado de realizações do Estado Novo nem o processo critico dos seus principios fundamentais: a obra ja não cabe num discurso, nem o seu valor depende do que eu próprio diga em seu abono.

Noto porém que não sendo ainda o que poderia ou deveria ser, uma virtude tem, inegável: Portugal foi chamado a nova vida, como se ressurgisse do tumulo ou pelo menos se erguesse daquela tristeza ao mesmo tempo apagada e vil a que se referira o poeta. Não poderiamos ter do facto melhor demonstração que o entusiasmo com que os portugueses se aprestam para as comemorações centenarias de 1939-1940. De todas as classes, se todos os meios, de todas as terras e dominios, de todos os pontos do Globo onde agenciamos a vida ou por onde andámos batalhando, se acorre entusiasticamente ao chamamento de oito seculos de historia.

E é, como no principio do decénio, sob a impressão duma tarefa muito pesada, mas com a mesma fé nos destinos de Portugal, que, sob o olhar da Providencia, começo mais um ano de vida e mais um ano de Governo.

Uma senhora de 70 anos
que é vitima dos desvarios do seu coração

Não é só nos Estados Unidos que a justiça tem de intervir em casos assaz excentricos.

Entre nós tambem a Policia de Investigação Criminal é chamada a solucionar casos que não são menos curiosos.

O chefe Alvaro da Fonseca tem agora de arbitrar um pleito entre a sr.ª D. Antonia Maria Costa de 72 anos e um individuo de nome Bonifacio, de quarenta anos.

Vale a pena pormenorizar. Em principios de abril do ano passado, a sr.ª Antonia Maria da Costa a-pesar da sua avançada idade apaixonou-se pelo sr. Bonifacio, e este por ela como é obvio.

Dias depois o casal, foi a um alfaiate encomendar um fato para o Bonifacio, oferecido pela sua Dulcineia, com a condição expressa, porém de só o vestir quando saissem ambos pois ela como é pessoa bastante ciumenta, receava que ele, encadernado de novo a atraiçoasse quando não saisse na sua companhia. Tempos depois, o Bonifacio zangou-se com a sr.ª D. Antonia, e quis como é natural, levar o seu rico fato. A D. Antonia não lh'o quis entregar, com o fundamento de que o tinha pago. Chamado o alfaiate, este declarou que, de facto, fôra ela quem pagara a conta. Por seu turno, o Bonifacio afirma que foi pago ameias, considerando-o, portanto, seu...

O caso vai ser amanhã submetido á apreciação do sr. dr. Rodolfo Lavrador, que, certamente dirá á sr.ª D. Antonia que já tem idade de ter juizo e ao Bonifacio que a Policia tem mais que fazer do que solucionar questões de ciume.

A revista naval
do dia 3 de maio

A bordo do navio-chefe da esquedra, aviso «Afonso de Albuquerque», voltaram hoje a reunir-se, com o sr. comodoro Carvalho Crato, os comandantes das divisões navais e dos navios que as constituem, a fim de assentarem em diversos assuntos de pormenor respeitantes á revista naval do «Dia da Marinha» em 3 de maio proximo.

A banda do navio-escola «Sagres» tocará a bordo do «Afonso de Albuquerque» durante o desfile da esquadra. No momento em que o navio-chefe chegar ás alturas da torre de Belem e começar a salvar ao Chefe do Estado, a banda romperá com o hino nacional.

Foi superiormente determinado que evolucione sôbre a esquadra, durante a revista naval, alguns hidro-aviões do centro aero-naval do Bom Sucesso.

Chegou hoje a Lisboa
o professor Marcelo Caetano

A bordo do «Vulcania», chegou hoje a Lisboa o professor da Faculdade de Direito sr. dr. Marcelo Caetano, que fôra á Italia para realizar duas notaveis conferencias, na inauguração do leitorado português na Universidade de Roma.

O ilustre professor teve uma afectuosa recepção. Além de grande numero de pessoas de familia, era aguardado pelos professores drs. Rui Ulrich, Paulo Cunha, Celestino da Costa, João Magalhães, por muitos amigos e por alunos da Faculdade.

O sr. dr. Marcelo Caetano retoma imediatamente a sua cátedra na Faculdade de Direito de Lisboa.

O caso da criada que deu morfina
a uma criança para a adormecer

Foi enviada á Boa Hora a criada Cacilda Cardoso Amorim, que é acusada de ter dado uma porção de morfina a uma criança, em casa de cujos pais ela servia. A Cacilda acusou uma sua colega, que ali tambem servia. Provou-se, porém, que a ultima nada teve com o caso.

Agradecimento ao Ex.mo Sr. Dr. José Duque

J. Cardoso vem por este meio tornar publico o seu eterno reconhecimento a tão distinto clinico pela maneira zelosa e assás proficiente como tratou uma sua filha duma doença grave da qual se acha completamente restabelecida.

Desculpará sua Ex.ª esta sua expansão, mas não pode de maneira alguma deixar de exteriorizar tal gratidão.

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necerk — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 [illegible]ra
TELEFONE 2 906[illegible]

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*

CONSAGRANDO O MERITO

O ministro das Colonias condecorou
algumas das pessoas que colaboraram na Exposição Historica da Ocupação

O ministro das Colonias com as individualidades condecoradas

No gabinete do sr. ministro das Colonias, procedeu-se esta tarde á entrega de condecorações a diversas entidades que colaboraram na realização da Exposição Historica da Ocupação que, com tão grande brilhantismo, se realizou, no Parque Eduardo VII, no ano passado.

As pessoas condecoradas fôram os srs. general Teixeira Botelho, da comissão orientadora, com o grande oficialato de Santiago dr. Serafim Leite, da mesma comissão, com a comenda da mesma ordem; Luiz Filipe da Silva Ramos (Luiz de Montalvor), adjunto da comissão executiva, com o grau de cavaleiro de Santiago; Amadeu Cunha, adjunto da comissão executiva, com o grau de cavaleiro do Imperio; capitão Dimas de Aguiar, da comissão executiva, com o oficialato de Cristo; e Manuel Peixoto, construtor da Exposição, com o grau de cavaleiro do Mérito Industrial.

O sr. general Teixeira Botelho agradeceu, comovidamente, em seu nome e no das outras pessoas condecoradas, tal prova de apreço:

— Ha meses — disse — quando nos reunimos no fim dos trabalhos, agradecendo a V. Ex.ª, sr. ministro, afirmei: «Se alguem merecia louvores era V. Ex.ª pela sua nobre iniciativa que foi realizada de forma a merecer a qualificação de grandiosa». E foi realmente grandiosa essa revista de factos e de homens da nossa historia colonial, factos e homens que em parte andavam esquecidos! Se o seu aspecto artistico foi admiravel, não podemos esquecer outros, não menos importantes, como o educativo e o civico. No espirito de milhares de crianças das escolas que ali desfilaram, não mais se apagará a recordação do que viram. Foi tambem um notavel acontecimento o Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo, onde vieram estrangeiros ilustres que não se esqueceram de pôr em relêvo, nos seus artigos, nas suas conferencias e nas suas comunicações, a nossa obra civilizadora. E tudo isto, foi obra de V. Ex.ª, sr. ministro das Colonias!

O sr. ministro das Colonias disse:

— O acto de hoje não é mais do que a logica consequencia do que fizeram pelo Estado, quando do Congresso da Expansão Portuguesa do Mundo e da Exposição Historica da Ocupação. Ao propôr ao Chefe do Estado estas condecorações, fi-lo por um sentimento de justiça. Entendi que todos vós ereis merecedores das veneras com que o sr. Presidente da Republica vos distinguiu. Um ministro, só por si, pouco pode fazer. Necessita de colaboradores leais e valiosos. E essa obra não poderia ter-se realizado sem a vossa cooperação. Eu tive apenas a idéa. Mas não ha falta de idéas nêste país. Sem vós, nada se teria feito, e a idéa seria mais uma das muitas que se expõem e que se perdem. Realmente, a Exposição foi brilhante, mas isso deveu-se á vossa dedicação e ao vosso entusiasmo. E por isso eu propuz a vossa condecoração. Não basta que o ministro agradeça os serviços valiosos dos seus colaboradores. E' necessario que o Estado lhes manifeste tambem, publicamente, a sua gratidão.

E, depois duma referencia muito elogiosa a Julio Caiola e ao dr. Manuel Murias, pela sua valiosissima colaboração, teve esta frase:

— Um ministro só tem autoridade para castigar uma falta quando sabe compensar um serviço!

Em seguida, entregou a cada um dos presentes um estojo com a respectiva condecoração.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA
A marcha das operações

SARAGOÇA, 28.—(Dum enviado especial da Havas).

O dia de ontem foi assinalado por duas unicas operações: avanço do general Varela entre Torroal e Castellon e nova e violentissima reacção dos republicanos a leste de Alboracer, no flanco do exercito de Aranda. Estas duas operações realizaram-se com um tempo horrivel.

O exercito de Varela, que avançou «em ponta» no principio da nova ofensiva, ao sul de Montalban, ocupa agora uma frente de 40 quilometros desde o Vale de Alfambra até á entrada de Alcaniz a Moralla.

Os republicanos, favorecidos pelo estado do terreno, opõem uma resistencia muito viva, mas desordenada.

A batalha nesta região oferece o caracter de combates dispersos por pequenas colunas, cujo comando coordena os movimentos.

Na região costeira, como na vespera, os republicanos lançaram ontem um fortissimo ataque ás posições conquistadas pelo corpo de exercito da Galiza em Atalayas de Alcalá, sempre repelidos com bastantes perdas. — (H.).

Reabastecimento da população

ESTOCOLMO, 28—A C. G. T. sueca destinou uma nova importancia de cem mil corôas para o reabastecimento da população civil da Espanha republicana. O total das subvenções concedidas por aquele organismo desde o inicio da guerra civil espanhola eleva-se a 400.000 corôas.—(Havas).

D E L U T O
Antonio do Espirito Santo Cunha da Costa

Faleceu hoje o sr. Antonio do Espirito Santo Cunha da Costa, armador com agencia funeraria na Rua de Santa Marta. O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, para o cemiterio do Lumiar.

Na prisão de ventre
DRALAX

D. SOFIA BENSAUDE
F A L E C E U

Antonio Tavares de Carvalho, como testamenteiro, a quem incumbe a liquidação da herança deixada pela Ex.ma Senhora D. Sofia Bensaude, participa o falecimento desta Senhora em Nice, aos 26 de Março ultimo, e que o funeral se realiza amanhã ás 12 horas da Igreja de S. Mamede para o cemiterio dos Prazeres.

Na mesma Igreja, ás 11 horas da manhã será celebrada uma missa de corpo presente para eterno descanso da sua bondosa alma.

MAGNO

CORREIO AEREO
SERVIÇO BI-SEMANAL
PORTUGAL - AMERICA DO SUL EM 48 HORAS
RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA

Aero - Portuguesa
33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371
TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15
para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro e AMERICA DO SUL
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Deutsche Lufthansa A. G.
34, Aven. 24 Julho—Telef. 60343
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira
Serviço Diario para Passageiros, Mercadorias e Correio entre **Lisboa-Berlim** com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart **No Mesmo Dia**

A CASA DAS MALAS
tem novos modelos de carteiras para homem, pastas, estojos e guarda-joias de viagem
180-RUA DO OURO-182

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41967
SERVIÇO PERMANENTE

O Partido Trabalhista Inglês

não participa em movimentos chamados de Frente Popular

LONDRES, 28—A comissão executiva nacional do Partido Trabalhista tomou conhecimento, durante a sua reunião de hoje, dos relatorios das sessões da provincia que aprovam no seu conjunto a recente circular que as punha de sobre-aviso contra a participação nos movimentos chamados da Frente Popular. Numa declaração oficial que foi publicada no fim da reunião diz-se o seguinte:

«Os relatorios confirmam a opinião expressa na circular de que tal participação deve inevitavelmente conduzir á desunião e confusão e enfraquecer a organização e força eleitoral do partido. A nova reunião da comissão executiva efectua-se na proxima quinta-feira, depois do que se publicará uma declaração que define com mais precisão a atitude do partido relativamente á cooperação nas actividades combinadas e organizadas pelos partidos, grupos e pessoas estranhos ao movimento trabalhista».—(Havas)

GREVES NO ESTRANGEIRO

LONDRES, 28—Continua a greve dos operadores de cinema. O Comité central da greve declarou ontem á noite que continuava disposto a negociar com a Associação patronal, mas sob condição da semana de 48 horas ser aceita como base das negociações. O Comité declara consequentemente que não pode aceitar como base de discussão a semana de 60 horas sugerida pelo Comité de conciliação.—(Havas)

A AGITAÇÃO NA PALESTINA

Continua o movimento grévista

HAIFA, 28. — Continua o movimento grévista de protesto contra a detenção de varios arabes no campo de concentração de S. João de Acre. Manifestos distribuidos nas mesquitas incitam a população a persistir nos seus esforços. A Policia prendeu varias mulheres que provocavam agitação nas ruas de Caiffa.—(Havas).

Manifestações no Cairo

LONDRES, 28. — Do Cairo comunicam á Reuter que varios grupos de arabes se manifestaram nas ruas de aquela cidade e de Alexandria contra a partilha da Palestina. Até agora não se deu nenhum incidente.—(Havas).

A mãi da rainha de Inglaterra

melhorou ligeiramente

LONDRES, 28—Publicou-se o seguinte boletim: «A condessa de Strathmore, mãi da rainha, passou bem a noite e o seu estado, que não é grave, melhorou ligeiramente». A condessa de Strathmore, que tem mais de 70 anos, chegou a Londres no principio da semana para assistir ao casamento de «miss» Ann Bowes Lyon, sobrinha da rainha, com o visconde Anson, filho de lord Linchfield. A cerimonia deve efectuar-se hoje em St. Margaret Winchester e a ela assistem os soberanos.—(Havas)

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

A' venda em toda a parte
Deposito: Pestana, Branco & Fernandes, L.da — LISBOA.

NO DIA 2 DE MAIO PRÓXIMO, SERÃO OFERECIDAS NA BOLSA DE LISBOA, AO PREÇO DE ESC. 960$00, POR OBRIGAÇÃO.

100.000 OBRIGAÇÕES DO TESOURO
3 1/2 %--1938/1963

ESTAS OBRIGAÇÕES, DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1.000$00 SÃO REPRESENTADAS EM TITULOS DE 10 OBRIGAÇÕES E CONSTITUEM A 1.ª SERIE DO EMPRESTIMO AUTORIZADO PELA LEI N.º 1.964, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1937.

OS JUROS SÃO PAGOS AOS TRIMESTRES VENCENDO-SE O PRIMEIRO CUPÃO EM 15 DE JULHO PROXIMO.

CONSIDERANDO A SUA AMORTIZAÇÃO OBRIGATORIA, AO PAR, Á RAZÃO DE 5.000 CONTOS POR ANO, A COMEÇAR EM 15 DE JULHO DE 1943, A AQUISIÇÃO DESTES TITULOS É ESPECIALMENTE ACONSELHAVEL PARA TODOS OS QUE DESEJEM REEMBOLSAR O SEU CAPITAL EM PRAZO RELATIVAMENTE CURTO.

AO INDICADO PREÇO E TENDO EM CONTA A AMORTIZAÇAO, O RENDIMENTO LIQUIDO DÈSTES TITULOS E DE 3,7 %.

ACEITAM-SE SRBSCRIÇÕES NO

BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA

NO EXTREMO ORIENTE

Desmentido diplomatico

LONDRES, 28—De Hong-Kong comunicam á Reuter que sir Archibald Clark Kerr, embaixador da Grã-Bretanha na China, desmentiu perante os jornalistas os boatos segundo os quais teria entabulado negociações com as autoridades chinesas para se assentar nas bases dum armisticio.—(Havas)

Vantagens das tropas japonesas

TOQUIO, 28—A Domei anuncia que um comunicado oficial japonês de Changai anuncia que as tropas niponicas se apoderaram de Hohsien, localidade situada a 56 quilometros ao sul de Nanquim, na margem esquerda do Yang-Tsé. O mesmo comunicado informa que as forças chinesas foram derrotadas perto de Huang-Tchen, que fica a cinco quilometros de Hang-Tcheu e de Tung-Linchen.—(Havas)

Aviador posto em liberdade

TOQUIO, 28—A Policia pôs em liberdade o aviador americano Gibbon que serviu no exercito chinês.—(Havas)

A situação em França

Novas medidas financeiras

PARIS, 28—Para o dia 3 de Maio proximo, o «Populaire» anuncia novas medidas economicas e financeiras e a emissão dum emprestimo nacional a um juro de quatro e meio por cento. Daladier e Marchandeau julgam o exito das subscrições assegurado por este juro relativamente elevado e por uma clausula de garantia especial. Pode ser que uma boa parte dos titulos seja colocada em mercados estrangeiros.—(D. N. B.)

Não se fará nenhum emprestimo

LONDRES, 28—Como o jornal «Le Matin» tivesse anunciado que o governo francês tencionava emitir um emprestimo para garantia cambial, a delegação francesa em Londres declarou que aquela informação era infundada.—(Havas)

NO III REICH

O adjunto do chanceler

BERLIM, 28—O ministro do Reich, Rudolfo Hess, comemora hoje o quinto aniversario da sua nomeação para o lugar de adjunto do Fuehrer-Chanceler. A Imprensa consagra-lhe artigos detalhados, pondo em destaque a personalidade e os meritos especiais de Hess.—(D. N. B.)

150 anos de reputação, pela sua magnifica qualidade

Para **AUTOMOVEIS**
Baterias **U S L** — Velas **GLOPE**
Correias **DAYTON**
AUTO GERAL
175-R. Eugenio dos Santos 177-Tel. 24051

RÉCLAME
PAPEL DE CARTA
50 Folhas, 50 envelopes
3$50
IMPRESSORA, Lda.
R. da Palma, 134-138 — LISBOA

2.ª edição

T. S. F.
Equipe o seu receptor com as famosas valvulas
Supersom
maior duração, melhor rendimento
Os mais baixos preços
Rua da Conceição, 35, 1.º

O MOMENTO INTERNACIONAL

Começaram hoje em Londres as conversações franco-britanicas

A situação da Checo-Eslovaquia é o objectivo principal das actuais negociações

NEVILLE CHAMBERLAIN
chefe do governo inglês

LONDRES, 28. — As conversações franco-britanicas começaram ás 10 e 30 em «Downing Street». Varias centenas de curiosos estacionavam nas ruas quando Deladier, Bonnet e outros membros da delegação francesa chegaram nos seus automoveis. Lord Halifax chegou alguns minutos antes na companhia de Vansittart.

As conversações começaram poucos minutos depois da chegada dos ministros franceses ao gabinete do Primeiro ministro. Os ministros ingleses e franceses tinham a seu lado os seus colaboradores imediatos. A delegação britanica compreendia: Neville Chamberlain, lord Halifax, «sir» Robert Vansittart, conselheiro diplomatico do Governo, «sir» Alexander Cadogan, subsecretario permanente do Foreign Office», «sir» Orme Sargent, William Strang, chefe do departamento da Europa Central e K. F. Roberts, que desempenha as funções de interprete. As conversações prosseguem até á hora do almôço. Os ministros franceses não saem de «Downing Street». As conversações continuarão logo após o almôço. —(Havas).

LONDRES, 28.—Depois das conversações desta manhã, varios membros da delegação francesa almoçaram em Downing Street. Estiveram presentes Neville Chamberlain, Lord Halifax, «sir» Thomas Inskip, «sir» Samuel Hoare, «sir» John Simon, o visconde de Hailsham, «sir» Robert Vansittart e «sir» Alexander Cadogan, Eduardo Daladier, Georges Bonnet, Alexis Legor, Charles Corbin e Rochat.—(Havas).

A honra dispensada pelo rei aos ministros franceses

LONDRES, 28—Com respeito á visita dos ministros franceses a Londres o «Yorkshire Post» chama a atenção dos seus leitores para o facto de os estadistas franceses serem hospedes do rei, «honra raramente conferida até ás mais distintas personalidades oficiais francesas de passagem em Londres». O mesmo jornal elogia o papel de Daladier como ministro da Guerra, assim como a experiencia de Bonnet em problemas internacionais e financeiros. O «Manchester Guardian», por seu turno, escreve: «O primeiro dever dos dois governos é considerar o que devem fazer para assegurar a paz. Daladier e Bonnet encontrarão em Chamberlain e lord Halifax os homens que perfilham os seus pontos de vista. Aí está — conclui — uma esplendida ocasião para reparar os prejuizos destes ultimos anos».—(Havas)

O objectivo das convenções de Londres

LONDRES, 28—As conversações dos ministros franceses e ingleses parecem a toda a Imprensa uma manifestação muito natural da amizade anglo-francesa. Os jornais, depois de prestarem cordealissimamente homenagem a Daladier e Bonnet, procuram prevêr o objectivo das conversações.

Três assuntos de discussão lhes parecem dever reter principalmente a atenção dos ministros dos dois países: a situação na Europa central, especialmente a da Checo-Eslovaquia, a cooperação franco-britanica no dominio da defesa nacional e as negociações franco-italianas, não se falando de certos problemas relacionados com aquele como a guerra de Espanha, a questão da Etiopia, o reatamento eventual de negociações com o Reich e o conflito sino-niponico.

A' excepção de certos jornais conservadores tais como o «Times» e o «Daily Telegraph», que tratam estes assuntos com alguma reserva, a tendencia geral parece ser para estabelecer a aproximação entre a questão checa e a cooperação militar entre a França e a Grã-Bretanha.—(Havas)

A importancia do problema checo

LONDRES, 28—«O «Times» escreve em artigo editorial:

«O acto de cortezia dos ministros franceses vindo a Londres não terá tanto valor pelas decisões eventuais como pela troca de impressões, mutua compreensão, impressões pessoais e matizes de opinião que só uma discussão verbal e intima permite perceber. A visita vai permitir precisar questões sobre as quais está feito o acôrdo em principio. E' indispensavel que os dois governos se expliquem acêrca da questão da Checo-Eslovaquia. Embora a Inglaterra não esteja ligada como a França por um tratado com Praga o facto da Grã-Bretanha sem membro da S. D. N. e a preocupação dos interesses ingleses não permitem encarar a situação com indiferença. Sem duvida nenhuma os ministros franceses e britanicos examinarão todos os meios possiveis para apaziguar os descontentamentos existentes na Europa central.

As questões militares serão provavelmente levantadas do lado francês. Podem sempre examinar-se, de novo, com interesse as medidas a tomar para assegurar a defesa dos dois países, cujas relações foram sempre amigaveis e cujos interesses são concordantes. Os dois países inspiram-se no mesmo ideal de liberdade e democracia e ambos estão decididos a defende-lo contra os perigos que o ameaçam tanto no interior como no exterior».—(Havas)

Opiniões dos jornais ingleses e franceses

LONDRES, 28.—O «Daily Express» diz: «A França é muito forte. Pode colocar oito milhões de baionetas ao longo das fronteiras».

O «Daily Mail» entende que a Checo-Eslovaquia será o principal assunto da ordem do dia das conversações. E' de opinião que os ministros dos dois países concordarão em apoiar os propostas de Benes e acrescenta que a questão da cooperação militar figura tambem no primeiro plano das conversações.

O «News Cronicle», escreve que o mundo deve saber que, no caso de agressão contra a Checo-Eslovaquia, os pactos de assistencia da Frana e da U. R. S. S. actuarão e que a Grã Bretanho estará ao lado da França. Uma declaração nitida deste genero fará desaparecer o perigo.

O «Daily Herald» diz que na proxima semana as conversações dos estados maiores começarão em Paris.—(Havas).

PARIS, 28.—Os jornais ocupam-se da visita dos ministros franceses a Londres. «Le Journal» diz que passou o tempo das duvidas sobre se a Inglaterra voltaria a obedecer á tendencia do isolamento, e frisa que as solidariedades europeias falam mais alto.

Para o «Petit Journal» das decisões anglo-francesas depende o futuro do mundo.

O «Populaire» diz que o Reich tende a impôr á Europa a sua vontade e que portanto se a Grã Bretanha quiser viver tem que ir para a segurança colectiva, pois o seu destino está ligado ao da França, assim como o desta está ligado á comunidade europeia.

«La Republique» frisa a importancia da viagem dos franceses a Londres antes da visita de Hitler a Roma, e da conclusão dum acôrdo franco-italiano antes da reunião de Genebra, pois estes acontecimentos fortificarão Roma perante Berlim.—(Havas).

A Conferencia da Pequena «Entente»

BUCARESTE, 28.—A conferencia da Pequena «Entente», que se reunirá em Sinaia no dia 4 de maio, será a primeira depois do Anschluss. Em função da situação estudar-se-á: primeiro—As relações com a Italia na vespera da liquidação da questão etiope pela S. D. N.; segundo—a questão do Danubio; terceiro—Pressão alemã sobre a Checo-Eslovaquia; quarto — Tentativas de aproximação com a Hungria.

A Imprensa manifesta unanime emoção perante a atitude intransigente de Henlein e frisa que se não trata dum problema puramente checo, pois este país não é o unico visado pelo Reich. Os jornais da extrema direita, ainda ontem germanofilos, frisam este aspecto do problema. O «Porunca Vrense» diz: «Hoje é a vez da Checo-Eslovaquia. Amanhã talvez seja a vez da Hungria». O «Semnalul» escreve: «A Alemanha joga a sua fortuna. Vê a Italia encaminhar-se para a França e a Grã Bretanha e apressa-se a forçar esta fortaleza erguida contra o «Drang Nich Osten». E' a liberdade de todos os povos danubianos que está em jogo». —(Havas).

Um boato sôbre a saida da Suiça da S. D. N.

PARIS, 28.—O «New York Herald», edição parisiense, diz que a Suiça pensa sériamente em sair da S. D. N., a qual, por sua vez, pensa em abandonar o territorio helvetico, o que a faria correr o risco de ficar provisoriamente sem lar. Soube-se em Londres—diz em substancia aquele jornal—á chegada áquela cidade de Daladier e Bonnet, que a Suiça, ameaçava abandonar a S. D. N. se a França e a Grã-Bretanha não tomassem o compromisso de defender a sua neutralidade contra a Alemanha ou qualquer outro agressor. A Suiça pôs em relêvo junto dos govêrnos francês e inglês as dificuldades particulares que têm relativamente á S. D. N. e á clausula das sanções. Acentuou igualmente que está entalada entre duas nações, a Italia e a Alemanha, que não são membros daquele organismo. Por outro lado, como se sabe, Chamberlain opôs-se ao alargamento dos compromissos britanicos no continente. Parece, portanto, inevitavel que a Suiça ponha em execução a sua ameaça. A S. D. N., por sua vez, como medida de represalias, sairia do territorio helvetico. Fala-se da Haia como sua nova sede, mas como os holandeses certamente não se mostrariam solicitos em acolher o organismo genebrino no seu solo, este ficaria provisoriamente sem lar.—(Havas).

Um desmentido ao boato

BERNA, 28. — A Agencia Telegrafica Suiça diz saber de fonte competente que a informação publicada no estrangeiro, segundo a qual a Suiça ameaçou

EDUARDO DALADIER
presidente do conselho francês

abandonar a S. D. N., «é pura fantasia».—(Havas).

O Chile tambem abandona Genebra?

LONDRES, 28.—Fala-se aqui sériamente na retirada do Chile da S. D. N., retirada que de resto não seria definitiva mas condicional.—(Havas).

A questão das minorias

VARSOVIA, 28.—A tentativa para a constituição da organização unica de todos os alemães da Polonia na base dos principios do nacional-socialismo sofreu ontem um fracasso. O «Jung Deutsch Partei» recusou, com efeito, a oferta da colaboração com o Deutsch Vereinigung», representante da fracção moderada da população alemã e numericamente superior. Esta recusa causou profunda surpresa nos meios alemães da Polonia. No entanto prosseguem os esforços para conseguir aquele objectivo.

A campanha da Imprensa a favor da autonomia da minoria polaca na Checo-Eslovaquia continua. O «Kurjer Poranny» refuta os argumentos historicos do governo checo para provar o seu direito á soberania sobre o territorio de Cieszyn, sob o pretexto de que durante 600 anos, esteve sob a soberania da Boemia. Este jornal responde com dois argumentos: primeiro—Em tais condições a Hungria deveria fazer parte da Turquia, a Alsacia-Lorena do Reich e a propria Checo-Eslovaquia deveria pertencer á Austria; segundo—ha que ter em conta a vontade popular, pois todos os polacos de Cieszyn esperam o regresso á mãi patria.—(Havas).

Pleno acôrdo entre os ministros franceses e ingleses

LONDRES, 28—Os ministros ingleses e franceses chegaram a acôrdo em todos os pontos das conversações de hoje, e em especial, segundo os circulos politicos britanicos, relativamente á cooperação na defesa aerea e ao abastecimento de materias primas.—(Havas)

Teatro Nacional
Hoje ás 21 e 45 — Festa artistica de LUCILIA SIMÕES — Uma unica representação de
A CONSPIRADORA
Sexta-feira, sabado e domingo ás 9 e 45
Ultimas representações do grandioso exito
RECOMPENSA

PATISSERIE VERSAILLES
Lanches para casamentos

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Virginia Pereira de Melo Mascarenhas e Silva, D. Maria Eugenia de Sá Ferreira Mayer, D. Maria Adelaide Salema Rolim de Melo e Brito, D. Angelina de Queiroz Pimenta de Lacerda, D. Margarida de Magalhães, D. Maria José de Melo (Sabugosa), D. Maria Helena de Noronha Mahem, D. Maria Carlota Sena, D. Maria Luisa Santos Silva de Faria e D. Isabel Kluft Lopes da Silva.

A CARIDADE

No São Luiz Cine

Com uma selecta concorrencia, realizou-se na tarde de ontem, como haviamos noticiado no «São Luiz Cine» uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Sopa dos Pobres, da freguesia de Santos-o-Velho, tendo o programa que foi elaborado com verdadeiro criterio artistico deixado na selecta assistencia, que enchia a vasta sala de espectaculos, a melhor impressão, sobretudo a brilhante artista Herminia Silva, que se fez ouvir em varios fados do seu vasto repertorio, sendo ela sem duvida alguma o grande «clou» do programa.

A comissão organizadora deve estar plenamente satisfeita, com os exitos obtidos, tanto financeiro, como artistico e mundano.

DE VIAGEM

De visita a sua mãi, que está gravemente enferma em Ponta Delgada, embarcou hoje, no «Vulcania», o sr. José Bensaude.

DOENTES

Com muito exito foi operado no Hospital da Misericordia, pelo distinto cirurgião sr. dr. Amandio Pinto, coadjuvado pelos distintos cirurgiões srs. drs. Celestino Henriques, Octavio Gomes da Silva e Melo Gonçalves, o sr. Abel Negrão, sendo o estado do enfermo felizmente muito satisfatorio.

—Foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves o sr. José Barata Galvão.

Pastelaria Luso-Americana

Lanches para casamentos e baptisados

Av. Almirante Reis, 146-A—Tel. 4 7765

"LEGIÃO PORTUGUESA"

Batalhão n.º 6

No proximo domingo, prossegue a instrução nos quarteis de Sapadores de Caminhos de Ferro, G. N. R. ás Janelas Verdas e G. N. R. da Estrela, devendo para este efeito todos os legionarios comparecer nestes quarteis, ás 8 e 45.

Brigada Naval

Devem comparecer no proximo domingo, no quartel de Marinheiros, em Alcantara, ás 8 e 30 todos os legionarios dos 1.º, 2.º e 3.º Terços, e os da 1.ª e da 2.ª lanças do 5.º Terço e os legionarios que fazem parte da lança do comando de Batalhão, da Lança motorisada dos Trens de combate 1 e 2 dos Terços e do Batalhão.

Devem igualmente comparecer todos os legionarios pertencentes ao primeiro escalão e que ainda não tenham formação, e bem assim todos os legionarios do 4.º Terço não convocados para exercicios no mar.

No proximo domingo, a instrução dos filiados do Batalhão n.º 3, começa ás 8 e 45, no quartel da G. N. R. do Cabeço de Bola.

—Os legionarios que fazem parte do 2.º batalhão da Brigada Naval devem comparecer no quartel dos Marinheiros, no domingo, ás 8 e 30.

Romaria de N. S. de Mercules

em Castelo Branco

As pessoas que pretendam ir assistir a esta romaria poderão aproveitar os bilhetes da Tarifa n.º 21 de grande velocidade, que estarão á venda nas estações da C. P. nos dias 30 do corrente a 3 de maio proximo futuro, os quais têm a redução de 45 por cento e podem ser utilizados para o regresso até ás 12 horas do dia 4 de maio.

CASA DAS BEIRAS

No proximo domingo, pelas 16 horas, realiza-se na Casa das Beiras, um «chá dansante», que será abrilhantado por uma orquestra «jazz».

MUSICA

Festival de Beethoven

Os factos são por vezes duma eloquencia flagrante,—neste caso, por exemplo, em que a «Sociedade Filarmonica de Lisboa», sob a direcção do dr. Ivo Cruz, teve a feliz idéa de comemorar o jubileu de Mestre Viana da Mota com um festival de Beethoven: qual a obra com que o glorioso artista, no mesmo momento em que é atingido nas suas funções oficiais pelo limite de idade, vem participar do programa?... Com o V Concerto, em Mi bemol, o mais triunfal monumento que foi erguido para a imortalidade desta forma de arte. Evidentemente que Viana da Mota, escolhendo o V Concerto para piano, de Beethoven, podia tê-lo atraiçoado, ou sem atraiçoa-lo, podia tê-lo interpretado com estas ou aquelas deficiencias; mas, bem longe de tal! Essa obra em que o Homem atinge o apogeu da força sobre os elementos e sobre si, a plenitude da vida interior e exterior, não podia ter mais completa, mais apoteotica interpretação. E, uns porque estão iniciados, outros por instinto, creio que a bem dizer todos os que estavam presentes souberam avaliar qual o conjunto de qualidades artisticas, intelectuais—e fisicas— necessario para atingir a culminancia onde paira um Beethoven daquela tempera através um Viana da Mota. Beleza de som, riqueza e variedade de colorido, maleabilidade do discurso musical, preciosa segurança do ritmo, personalidade do interprete exactamente ajustado á personalidade do compositor, inaudita pormenorização dos detalhes a dentro duma absoluta unidade de conjunto,—tivemos o raro consolo de nos curvar perante uma realização perfeita no pleno sentido do termo, isto é, uma realização que não pôde nem poderá vir a ser ultrapassada, nem em beleza formal, nem em emoção, nem em irradiação de humanidade.

Para corresponder ao rogo contido na ovação interminavel que coroou o «Concerto», Viana da Mota interpretou com semelhante perfeição de execução, caracter e compreensão, o «Scherzo» da Sonata op. 31 n.º 3, sintese do melhor Beethoven, quanto ao espirito e a factura.

A «Orquestra Filarmonica», sob a diligente direcção do dr. Ivo Cruz, foi digna da honra que lhe coube, acompanhando o «Concerto» com a maior atenção, sem leviandade. Nem o dr. Ivo Cruz confunde «classicismo» com «acanhamento», «ritmo» com «compasso», «seriedade» com «aborrecimento». A obra que vem realizando com a preparação da sua orquestra é mais um acto de verdadeiro apostolado. Não fugiu a dar-nos a III Sinfonia (Eroica), em preenchimento da 1.ª parte do programa. Os defeitos de Beethoven—(que monstruosidade, dirá o melomano, admitir que o genio unico de Beethoven não foi perfeito em todas as suas manifestações!)—são mais flagrantes nesta obra; mas não deixa ela de ser dum folego titanesco, e dum valor imortal. (Cada vez me custa mais escrever; agora, parece que faço favor em consentir imortalidade a Beethoven...). Gostámos em especial do que a orquestra conseguiu na «Marcia Funebre» e no «Scherzo».

O maior brilho e o maior interesse da orquestra estiveram porém na «Leonor», que fechou o memoravel programa; a interpretação de Ivo Cruz sublinhou o cunho dramatico mas puramente beethoveniano da genial «Abertura», e foi bem seguido nas suas intenções.

FRANCINE BENOIT

«Quatuor Belge à Clavier»

E' para o telefone 2 5446, e não 2 5464, que pode mser pedidas informações acêrca do concurso internacional de composição instituido pelo «Quatuor Belge à Clavier».

LIVROS NOVOS

«Pombeiros de Angola»

O nosso prezado colaborador sr. Antonio Augusto Dias publicou agora, na colecção «Cadernos Coloniais, no seu n.º 35, um interessante volume sobre a vida e as acções dos exploradores do sertão africano, — não dos grandes caminheiros do *Hinterland*, como Levingstone, Ivens, Serpa Pinto e outros, mas dos que fôram colonos e indígenas que, sugestionados pelos grandes exemplos, se lançaram á tarefa de percorrer as regiões desconhecidas através de todos os perigos, superando todos os obstaculos e vencendo todos os desanimos.

Este pequeno volume de A. Augusto Dias é um verdadeiro poema de consagração dos herois humildes da selva.

E', tambem, um valioso repositorio de factos historicos, cuja leitura se torna necessaria para melhor se conhecer a historia de Angola e se compreender a sua evolução.

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Crianças...

Aacba de realizar-se no teatro do Casino Peninsular, uma recita pelo grupo dramatico da Sociedade de Instrução Tavaredense, a favor do Jardim-Escola João de Deus, desta cidade.

A festa, chamemos-lhe assim, abriu com cantares e recitativos pelos alunos da formosissima instituição infantil.

O que foi esse pequenino acto, para as crianças que formam o enternecedor viveiro que poo enternecedor v123,dense,12345612345678906é vôa o Jardim-Escola, não é facil descrever-se.

O palco estava cheio dessas estrelas de diamantina fulguração, pupilas vivas, em crescente anseio, com intima, mas dominada impaciencia.

Nos seus lugares, atentos, amoravelmente atentos, sem a rigidez do mêdo, antes com o respeito conquistado pelos conselhos e pelo afecto.

Quando vi a clareira dos bibes, que igualava pobres e ricos, fiquei-me a pensar na soma de bondade das professoras que ensinam a ler, a catnar, pela voz do coração.

O coração das senhoras professoras reparte-se em tantos bocadinhos quantos alunos o Jardim-Escola tem: com o coração os ensinam a brincar, a ler—e a ser obedientes. A obediencia, sobretudo, ensinada com maternal carinho, desde os quatro ou cinco anos de idade, é uma das mais lindas «prendas» que se podem oferecer a bébes. E nisso, como em nenhuma outra escola, primam os Jardins-Escolas.

Dizem-me que esta benemerita instituição de instrução e educação infantil, para se manter, tem necessidade deste beneficio. De quando em quando, como se fosse a voz dum bébé ali internado, que interpretasse a aflição de tudo quanto forma o Jardim-Escola, ouve-se um apêlo. A cidade escuta, enlevada, esse grito, e acorre imediatamente. A situação aflitiva desaparece por dias, ou por meses. E a roda-viva das oito dezenas de alunos infantis, volta a bailar, a cantar, como se no celeiro houvesse desafogo para toda a vida!

A linda festa a que acabamos de assistir, e em que mais uma vez colaborou o simpatico e beneficente «Grupo de Tavarede», como lhe chamam, teve dois grandes motivos que merecem destacar: a santificada alegria dos encantadores viveiros que povôam o Jardim-Escola da Figueira, e a satisfação da cidade que recolheu a casa tranquila por saber que da sua cooperação tinha a linda instituição meios de vida para algum tempo.

CARLOS SOMBRIO

Julgamento—Absolvição

Em tribunal colectivo, formado pelos juizes das comarcas da Figueira, Anadia e Cantanhede, respondeu hoje o comerciante desta cidade Manuel João Ponte, por ter ha tempo enviado umas cartas a uma empresa de pesca de sardinha, em nome de C. Santos, facto de que a Imprensa largamente se ocupou, embora o sr. Manuel João Ponte sempre tivesse afirmado ter sido mais um dos seus muitos gracejos.

O tribunal absolveu-o. Foi advogado de defesa o sr. dr. Julio Gonçalves, desta cidade.

Um habito a que urge pôr termo

De ha muito que a avenida Saraiva de Carvalho é o local escolhido para aprendizagem de ciclistas. No domingo, dia movimentado, um recruta de Infantaria 20 que se entregava a tal aprendizagem foi de encontro ao automovel do sr. dr. João Bogão, da Gala, que era guiado pelo seu proprietario. Embora o sr. dr. João Bagão procurasse evitar o desastre, não o conseguiu. O soldado ficou muito maltratado. Recebendo os primeiros socorros no hospital desta cidade, que lhe foram prestados pelo sr. dr. José Solinas Calado, seguiu numa ambulancia dos Bombeiros Voluntarios para o Hospital Militar de Coimbra, sendo o seu estado muito grave. Este lamentavel desastre mostra-nos que o local não deve continuar a ser utilizado para escola de aprendizagem de ciclismo.

Cabo Mondego

Foi idada á nova Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego, por tempo indeterminado, a concessão do couto mineiro do Cabo Mondego, em conjunto com as industrias anexas nas freguesias de Buarcos e Quiaios.

«A VOZ DO OPERARIO»

Continua aberta na secretaria da Sociedade de Instrução e Beneficencia «A Voz do Operario» a inscrição de alunos para os cursos de solfejo e piano, cujas aulas, regidas por professora diplomada, se realizam ás quartas e sabados, pelas 17 horas.

Vida desportiva

CICLISMO

A recepção oficial aos ciclistas franceses

No proximo sabado, pelas 18 horas, na sede da Federação, realiza-se a recepção oficial aos três ciclistas franceses que vêm tomar parte nos festivais do Parque Eduardo VII.

Os festivais no Parque Eduardo VII

Realizam-se, nos dias 1 e 3 de maio, no parque Eduardo VII, interessantes festivais velocipedicos, que têm a valorizá-los a comparticipação de três categorizados estradistas franceses da «classe» independente—Dasse, Chazaud e Gillard, e a de todos os nossos «ases», representante do Sporting, Benfica, Belenenses, Campo de Ourique e Cuf.

Informa-nos a União Velocipedica Portuguesa que os bilhetes de acesso no parque Eduardo VII, destinados a clubes e corredores, serão entregues na proxima sexta-feira, na sua sede, das 21 e 30 ás 23.

Uma prova de regularidade organizada pelo Nacional Atletico

Organizado pelo Nacional Atletico Club, realiza-se, no proximo dia 8 de maio, uma prova de «Regularidade» no percurso de 24 quilometros, á média horaria de 16 por hora, e no dia 15, uma prova para «Populares», no precurso de 50 quilometros.

FOOTBALL

Campeonato da II Liga

Jogos da II Liga para o dia 1 de maio:

Em Coimbra (Arnado).

Leixões-Marinhense.

Em Santarem (Alfredo Aguiar):

União Vitoria.

Ambos os encontros começam ás 17 e 30.

Campeonato de Portugal

Estão marcados para o proximo domingo, os seguintes desafios do Campeonato de Portugal:

Espinho (Avenida):

Boavista—Sanjoanense.

Evora (Sanchez de Miranda):

Marvilense-Olhanense.

Os desafios começam ás 17 e 30.

MOTOCICLISMO

1.º Triangulo Nocturno

Promovido pelo Club dos 100 á Hora, realiza-se na noite de 7 de maio uma prova motociclista de regularidade inter-socios, com um precurso aproximadamente de 100 quilometros, na qual serão disputados premios pecuniarios, taças e placas de prata.

A inscrição encontra-se já aberta, encerrando-se no dia 5 de maio, pelas 22 horas, na sede do clube organizador.

HAND-BALL

Taça «Antero Ventura

No dia 1 de maio realiza o Belenenses, no seu campo de jogos, um torneio relampago de «hand-ball», entre 4 «teams». Os jogos terão a duração de 30 minutos, divididos em duas partes de 15, e com intervalo de 5.

Em caso de empate, será apurado vencedor o «team» que tiver marcado maior numero de cantos curtos e compridos.

VARIAS NOTICIAS

O Benfica leva a efeito, no proximo dia 30, no «Maxim's», um banquete de confraternização para encerramento das festas do seu 34.º aniversario, seguido de baile. Os salões daquele clube serão, no referido dia, privativos dos socios do Benfica.

Sociedade de Radiologia Medica

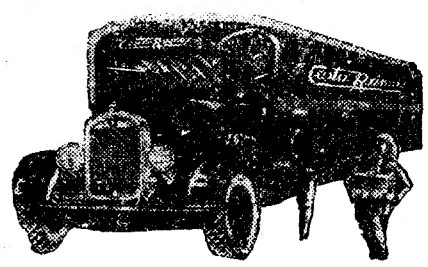
No proximo dia 30, pelas 21 horas, realiza-se na Associação dos Medicos Portugueses uma sessão cientifica desta Sociedade. Serão tratados os seguintes assuntos: «Algumas das possibilidades da planigrafia pulmonar», pelo dr. Aleu Saldanha; «Planigrafia antero-posterior da laringe», pelos drs. Aleu Saldanha e Aires de Sousa, e «Sobre planigrafia (Contribuição pessoal), pelo dr. Carlos Santos.

Casas economicas

Na secretaria do Sindicato Nacional dos Caixeiros está aberta aos seus filiados a inscrição para as casas economicas do bairro de Campolide.

PASTELARIA FERRARI

A's 5 horas—Chás Elegantes



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país Carros especiais para mobilias.

Porto — *R. Guerra Junqueiro, 7* — **Telef. 1854**

Lisboa — *R. S. Julião, 34, 36* — **Telef. 2 7200**

Togal

CONTRA OS RESFRIAMENTOS GRIPES, CONSTIPAÇÕES

TOGAL é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com tôda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal. A venda em todas as farmacias. Frasco. 10$00. Frasco triplice. 22$00.

É um produto da Togalwerk Zürich

São LUIZ-Cine

O programa excepcional desta semana

com o filme de arte

GARBO-BOYER

MARIA WALEWSKA

além de outros complementos, exibe

SEGREDOS DE HOLLYWOOD

um documentario sobre os segredos de «maquillage» da capital do cinema, com a presença do grande mestre «maquilleur»

MAX FACTOR

nos seus studios, e as vedetas do cinema americano Ann Shirley, Betty Crable, Rochelle Hudson, Paul Muni, Cesar Romero e outras...

Uma lição completa de «maquillage» moderna.

Casino Estoril

Aos sabados: Jantar á Americana
Traje de soirée
Preço: Esc. 20$00
Nos restantes dias: Jantar dançante
Preço: Esc. 12$50

Bilhetes especiais:
Todos os dias, excepto sabados e domingos:
Comboio, (2.ª cl. ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada

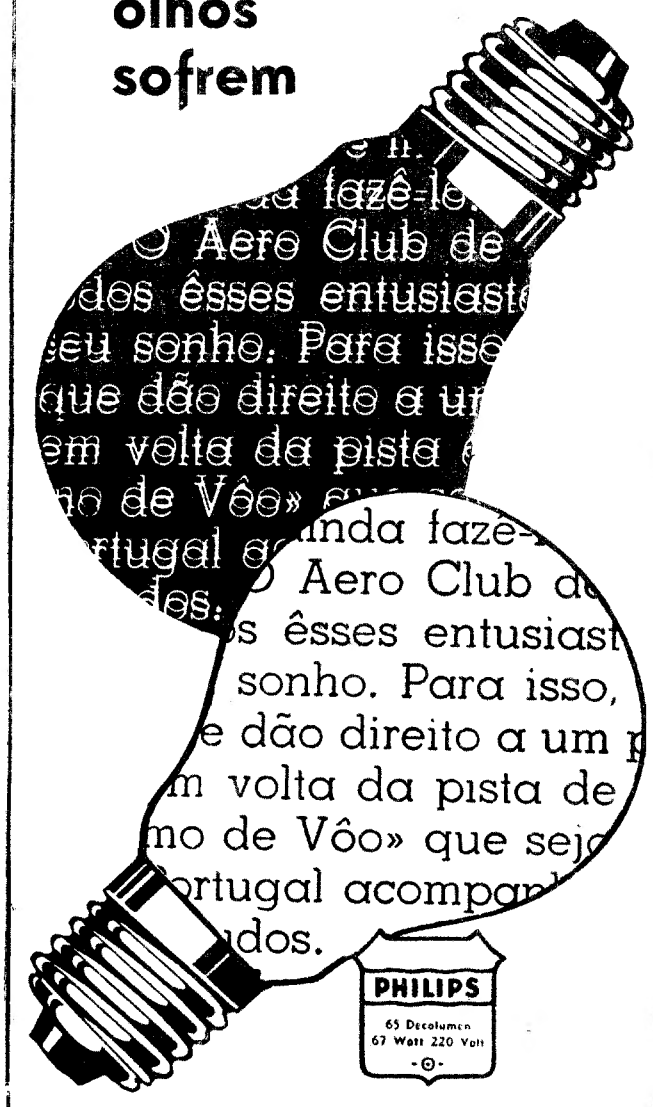
TODOS OS DIAS: Comboio, (2.ª cl. ida e volta) **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50**
A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sabados, ás 16,30 horas, concerto pelo **Quinteto Paulo Manso**
Todos os dias: De Tarde—chá dançante (excepto Sabados) e á Noite — Baile Cinema
Orquestra Portugal

defendam-se da **TOSSE** com **diacol**

Na GRIPE (influenza), BRONQUITES, CATARROS, ASMA e sempre que haja TOSSE

Com má luz as letras dançam no papel e os olhos sofrem



Lêr com boa luz é um prazer

Fornecem luz abundante, agradavel e economica as lampadas

PHILIPS

MAXIMO DE LUZ MINIMO CONSUMO

Colchões

De arame e divans com molas. Fabrica A Lisbonense. R. José Antonio Serrano, 3, (junto ao Hospital de S. José).

MOSAICOS
e
Azulejos
GOARMON & C.ª
T. Corpo Santo, 17 e 21
Lisboa—Telef. 2 1059

ANIZ SIAM
O MELHOR

MOBILIAS MODERNAS
PARA CAMPO E PRAIA

esmaltadas em todas as côres. Fabrica-se e vende-se a preços de reclame. Rua de Santa Barbara, 25.

??? MOBILIAS novas e usadas, diversos estilos, bons acabamentos, conservação garantida, desirmanadas, camas de ferro, colchoarias, lavatorios, banheiras, fogões e outros artigos de menage. Não comprem sem visitar «A CASA LOPES COELHO» que é recomendada pelos seus 43 anos de vida comercial que atestam a seriedade e garantia nas suas transacções. Vendas a pronto e prestações.

69, RUA DA ATALAIA, 71
Telef. 2 4127 LISBOA

O «Acto Colonial»

O Sindicato Nacional dos Caixeiros do distrito de Lisboa promove, no sabado, uma sessão de propaganda e de homenagem ao autor do «Acto Colonial», a qual se realizará na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, sob o patrocinio desta instituição.

Usarão da palavra representantes do patronato e dos trabalhadores e um orador indicado pela Sociedade de Geografia.

A esta sessão devem assistir alguns membros do governo e as direcções dos gremios corporativos e das associações regionais.

VINHOS
Curso de analises

Encontra-se aberta a inscrição para os cursos semanais VINO-VITÓ, sobre a aprendisagem e tratamento de vinhos.

Pode fazer a sua inscrição para os cursos da proxima semana, até sabado, 30, ás 20 horas.

Tratam-se todos os assuntos tecnicos e venda de material para analises.

Dirigir ao estabelecimento VINO-VITO, Rua Cais de Santarem, 10 — Cais da Areia — Lisboa — Telefone 2 7130.

Atenção!

Por n/ intermedio pode adquirir

TUDO

quanto possa precisar a

12 prestações

Para Lisboa e para a Provincia

Dias de Carvalho, L.da
Rua da Prata, 289, 2.º
Telef. 2 6738

Aceitam-se agentes

Intervenções Cirurgicas
Mobilias
Decorações
Louças
Fogões
Vestuario
Peles
Joias
I. S. F.
Viagens
Termas
Praias
Estojos de desenho
Ferramentas
Maquinas
Reparações
Instalações
Advocacia
Etc., etc., etc.

Atum em Azeite?!
PURO DE OLIVEIRA
Só TENORIO...
Recomendavel tambem aos debilitados

Oiça!...
FAVACAU

O FAVACAU, farinha propria para alimentar e criar forças, é um preparado exclusivo d'A Mariazinha, por ela criado.

A sua preparação e composição constituem segredo seu.

Qualquer imitação não pode ser outra coisa que uma grosseira macaqueação feita sob a maior ignorancia.

A quem faça um elementar confronto, saltar-lhe-á logo á vista a diferença que existe, tanto na côr como no aroma — ainda antes de provar e sentir os efeitos...

Nada existe equivalente.

E' de agrado geral e de resultados seguros, já comprovadissimos.

Como facilmente se compreende, só o criador tem o segredo do que prepara. E como é sabido, o nome d'A Mariazinha é hoje duma garantia indiscutivel.

A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Congresso Açoreano

Para não coincidir com a «Semana das Colonias», foi adiado para os dias 8 a 15 de maio, o primeiro Congresso Açoreano, a reunir-se em Lisboa, por iniciativa do Gremio dos Açores. No domingo, 8 de maio, chegam das ilhas, no «Carvalho Araujo», os açoreanos que vêm tomar parte no Congresso e serão recebidos, no Cais de Santos, pelos organizadores do Congresso.

Nesse mesmo dia, pelas 16 horas, efectua-se a inauguração da Exposição de Fotografia Insular e da Feira do Livro Açoreano, com a presença do elemento oficial. Nessa ocasião o sr. dr. Armando Narciso, presidente do Congresso, fará uma conferencia sobre «Panoramas e cenarios açoreanos» e o escritor sr. Hugo Rocha falará sobre «Os Açores na obra de alguns poetas açoreanos da actualidade». Das 20 horas á meia noite terá o publico entrada livre na Exposição e na Feira, e nas salas do Gremio dos Açores.

Na segunda feira, 9 de maio, continuarão esta exposição e esta feira abertas ao publico, do meio dia á meia noite, assim como nos dias seguintes até acabar o Congresso. Nessa segunda feira terá lugar a sessão solene inaugural do Congresso, na Sociedade de Geografia, sob a presidencia do sr. Presidente da Republica, falando nessa ocasião o presidente do Congresso e outros oradores açoreanos.

No resto da semana reunirão as secções de trabalho, no Gremio dos Açores, a fim de serem discutidos os trabalhos apresentados sobre assuntos culturais, economicos e de assistencia, respeitantes ás ilhas dos Açores. Já ha perto de 200 trabalhos para serem apreciados, tanto de congressistas açoreanos como de continentais. Daqui a grande importancia deste Congresso, um dos mais importantes congressos regionais que se têm reunido em Portugal.

Além das sessões solenes e de trabalho, fazem parte do programa deste congresso diversões e festas proprias a todos os congressos, como sessões teatrais e cinematograficas, recepção na Camara Municipal de Lisboa, um «chá» no Jardim da Estrela, um grande baile de gala, um passeio ao castelo de Almourol e um banquete.

A inscrição para este Congresso está aberta no Gremio dos Açores e podem inscrever-se tanto açoreanos como continentais que se interessam pelos Açores e pela vida do povo açoreano.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 26—Pela Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro, com participação do Estado, começaram as obras de construção do Cais do Bico, desta freguesia, que se apresentava num estado lastimoso de ruina, acarretando assim um grande prejuizo para a população local, que se via privada de se servir daquele cais para o seu trafego. E' um dos cais mais movimentados do concelho. Por isso andou bem e honra lhe seja, a Junta Autonoma, em proceder á reconstrução deste cais, ecudindo á necessidade e ao apelo dos habitantes e dirigentes deste concelho.

— A Comissão Administrativa iniciou os trabalhos de reparação da estrada da Insua, que se apresentava intransitavel, e com verdadeiros precipicios, que dificultam o transito.

— Estão sendo distribuidos pelas escolas de todo o concelho, por intermedio do delegado escolar da Murtosa, as colecções dos 7 quadros parietais sobre a obra do Estado Novo, que servirão de base ás conferencias que em todas as escolas, os professores vão realizar, para os seus alunos e familias, amanhã, em comemoração do X aniversario da posse do sr. Presidente do Conselho, dr. Antonio de Oliveira Salazar, na pasta das Finanças.

Noticias de Manteigas

MANTEIGAS, 25

Sabe-se que no programa de trabalhos a efectivar por empreitada que se realizará no corrente ano está incluida a instalação, por parte da Administração Geral dos Correios e Telegrafos, de um posto telefonico nesta vila, melhoramento de absoluta necessidade, pelo qual a Camara Municipal se tem empenhado. De resto, não faz sentido que Manteigas, terra com industria relativamente importante e sede de zona de turismo, se encontre ainda desprovida de tão util e necessario meio de ligação.

— Espera-se dia a dia a aprovação pelo Governo, para efeitos de comparticipação do Estado nas respectivas despesas, do projecto de macadamisação ecalcetamento da nova estrada Municipal, através da vila.

— Ainda que vagarosamente e com certa relutancia dos interessados, prosseguem os trabalhos de ligação dos prédios á rede geral de abastecimento de aguas.

— A Direcção Geral dos Serviços Florestais vai construir, sobre o rio Zezere, nas Caldas de Manteigas, uma ponte de cimento armado.

TAMARIZ
ESTORIL
Aos domingos: Almoços—Esc 15$00
Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazivel recinto com divertimentos para creanças

CONFERENCIAS

No Liceu Normal de Lisboa realiza-se amanhã uma conferencia pedagogica sobre «A observação do casino das ciencias naturais».

— O professor da Universidade de Rennes, sr. Eugéne Dèprez, faz amanhã, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma conferencia sobre os «Primitivos franceses no seculo XV — Seu interesse historico»; e no proximo sabado, 30, fará no Liceu de Pedro Nunes uma conferencia sobre «As grandes descobertas», com projecções.

— No proximo sabado, pelas 21 e 30, realiza-se um serão comemorativo do 15.º aniversario da Casa de Entre-Douro e Minho, com uma palestra sobre o «Entre-Douro e Minho», pelo comendador Antero Pacheco Moreira, precedida de algumas palavras sobre o aniversario pelo sr. dr. José Maria de Queiroz Veloso.

— O professor Cornelio di Marzio, que se deslocou a Portugal, a convite do Instituto de Cultura Italiana, desenvolverá hoje, pelas 18 e 30, na sede do Instituto, rua do Salitre, o sugestivo tema «Tradição e Revolução na Italia».

— Hoje, pelas 21 e 30, com a assistencia do ministro da Marinha, realiza-se a 1.ª das conferencias sobre assuntos da Defesa Nacional, promovidas pela direcção do Clube Militar Naval, com a colaboração da «Revista Militar». O conferente é o distinto oficial do exercito José da Silva Dias, tenente-coronel de artelharia, que versará o seguinte tema: «Defesa anti-aerea activa e passiva. Sua organização e meios necessarios á sua eficacia».

— O sr. dr. Nuno Simões realiza, no proximo sabado, na sede da Associação Comercial e Industrial, de Vila Nova de Famalicão, uma conferencia sobre «Portugal e a Escravatura».

—O sr. Vernier realiza amanhã, pelas 16 horas e 30, no Liceu de Pedro Nunes, uma lição de cultura francesa em que se ocupará da literatura francesa, antes e depois da guerra.

Beneficencia

A Junta de Freguesia de Camões fez distribuir hoje, ao fim da tarde, mealheiros de barro, contendo dois escudos, e brinquedos ás crianças pobres da freguesia, comemorando o 49.º aniversario natalicio do sr. dr. Oliveira Salazar.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 29—S. Pedro de Verona, martir. Lausperene, está na capela de N. Senhora da Conceição ao Caldas, ás 9 missa, ás 18, Terço de benditos.

Resgate, ás 18 e 30, novena a N. Senhora do Resgate, por instrumental.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

TAUROMAQUIA

Uma carta de Simão da Veiga Junior

Do triunfante cavaleiro Simão da Veiga Junior recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos: «A recepção que foi feita á minha chegada, o banquete que carinhosamente me ofereceram, ao qual se dignou assistir o sr. ministro do Mexico e que mereceu a adesão dum membro do Governo português o sr. ministro da Agricultura, e ainda as manifestações com que durante a ultima corrida me quiseram distinguir os meus colegas e o publico, justificam este agradecimento que a todos dirijo e lhe agradeço o favor de publicar no seu conceituado jornal, por intermedio do qual manifesto tambem o meu reconhecimento por tudo que por mim fez a Imprensa portuguesa e a do Mexico, país do qual trago recordações tão gratas que não são toldadas nem pelo incidente final da minha partida, ao qual as autoridades mexicanas foram levadas por uma intriga que rapidamente foi esclarecida e á qual me obstenho de referir pormenorisadamente porque os jornais do Mexico já o fizeram e para não misturar com outro nome o meu de homem e artista que em toda a parte assume as suas responsabilidades com honra, exigindo apenas que me seja pago o que me é devido pelos contratos que sempre cumpro. Sem mais, e agradecido por tudo, seu velho amigo, etc. (a) *Simão da Veiga Junior*—Sua casa em Oeiras, onde estou á disposição de todos que comigo queiram tratar».

Anton Tcheckoff
O DUELO
(com um estudo sobre o autor por Adolfo Casais Monteiro)
HISTORIA DUM DESCONHECIDO
Um grande escritor, contemporaneo de Dostoievsky e Tolstoi, no seu genero da mesma categoria literaria, e que exerceu a maior influencia sobre Gorki e grande parte dos escritores do nosso tempo.
Uma obra admiravel que é, na opinião dum critico ilustre, um quadro fiel da sociedade russa, semelhante á série dos Rougon-Macquart de Zola em relação á França.
Originalidade, observação profunda, humanidade, realismo no melhor sentido do têrmo, beleza de expressão e simplicidade de estilo — tais são as principais caracteristicas deste escritor extraordinario, que ninguem pode deixar de ler.
A' venda em todas as livrarias
Preço 6$00
VASCO RODRIGUES—EDITOR—R. do Bonfim, 82, 1.º—Porto

CAPRISTANO & FERREIRA, L.ª
BOMBARRAL
Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa-Caldas da Raínha-Leiria	7,00 — 12,30 — 16,30
Lisboa-Bombarral-Peniche	7,30 — 14,30 — 17,30
Lisboa-Nazaré-Alcobaça	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche-Bombarral-Lisboa	6,55 — 8,10 — 10,50
	14,35 — 15,20
Leiria-Caldas da Raínha-Lisboa	7,50 — 15,00 — 19,00
Alcobaça-Nazaré-Lisboa	7,35 — 10,05 — 14,35
Bombarral-Lourinhã-Lisboa	7,50
Peniche-Torres Vedras-Lisboa	8,45 — 16,00
Peniche-Caldas da Raínha-Santarem	8,10 — 10,50 — 15,20
Peniche-Caldas da Raínha	6,55 — 19,50
Caldas da Raínha-Peniche	9,25 — 21,55
Torres Vedras-Peniche	11,20 — 19,50
Santarem-Caldas da Raínha-Peniche	9,15 — 13,50 — 18,00
Santarem-Rio Maior-Nazaré	8,40 — 19,30
Nazaré-Rio Maio-Santarem	7,20 — 15,45
Rio Maior-Santarem	6,50
Santarem-Rio Maior	21.00
Leiria-Caldas da Raínha-Azambuja	8,55 — 15,55
Azambuja-Caldas da Raínha-Leiria	7,45 — 20,05

Partidas de Lisboa para o Porto..... 7.00 Partidas do Porto para Lisboa..... 7.40
FILIAL EM LISBOA — Largo de S. Domingos, 11-A — Telefone 2 1003

Sá da Bandeira

e a abolição da escravatura

Celebra amanhã o país, em Lisboa e noutras cidades: Porto, Santarem e Coimbra), o 80.º aniversario do decreto publicado em 29 de abril de 1858, por Sá da Bandeira, ministro da Marinha e Ultramar, diploma que aboliu a escravatura em todo o territorio do Ultramar português.

Trata-se duma data gloriosa para Portugal, duma celebração justissima, e por isso obteve o alto patrocinio do sr. ministro das Colonias, que, apesar da complexidade dos negocios da sua pasta, encontra sempre ocasião para estimular manifestações de caracter educativo e patriotico, como a de hoje.

O sr. d.. Francisco Vieira Machado irá amanhã a Santarem, honrando assim as cerimonias que naquela cidade se realizam, e presidirá á noite á brilhante sessão solene que se efectua na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Pelas 18 horas de amanhã, na praça de D. Luiz, tem lugar junto á estatua do marquês de Sá da Bandeira a anunciada homenagem, na qual o sr. ministro das Colonias se fará representar pelo sr. agente geral das Colonias que, em nome daquele ilustre membro do governo deporá uma palma no monumento. Assistem ao acto delegações da «Mocidade» e da «Legião» das escolas e dos sindicatos nacionais.

As comemorações em Santarem

SANTAREM, 28. — Passando amanhã o 80.º aniversario da abolição da escravatura, acto de maior culminancia da politica de Sá da Bandeira, do qual resultou o amparo ás raças indigenas, vai Santarem, terra do ilustre militar, prestar-lhe as mais condignas homenagens.

Assim, pelas 17 e meia horas, concentrar-se-ão na avenida D. Afonso Henriques todas as forças da guarnição. Organizar-se-á um cortejo civico que, seguidamente, se dirigirá ao tumulo do prestigioso colonialista, com o seguinte itinerario:

Ruas Figueiredo Leal e Serpa Pinto, praça Sá da Bandeira, ruas Capelo e Ivens, Miguel Bombarda, tenente Valadim, Pereiro e cemiterio.

A' noite, e no gimnasio do Liceu de Sá da Bandeira, realizar-se-á uma sessão solene, em que usará da palavra o sr. dr. Manuel Murias, esperando-se o sr. ministro das Colonias, que honrará com a sua presença parte das cerimonias.

Uma feira em Carcavelos

O centenario da coroação da Rainha Vitoria

A Comissão Organizadora da feira inglesa de Carcavelos, que o ano passado levou a efeito na quinta Nova, cedida gentilmente pelo sr. major Montgomery O. B. E., os festejos com que a colonia britanica solenizou a coroação do rei Jorge VI e da rainha Elizabeth, que tanto êxito e brilhantismo obtiveram, podendo por esse motivo ter realizado uma obra de beneficencia encarecida por todos, repete este ano, nos proximos dias 21 e 22 de maio, deslumbrantes festejos para comemorar o centenario da coroação da rainha Victoria Regina.

A Comissão Organizadora, cumprindo a sua promessa do ano passado, quando da realização das festas da Coroação, dada a enorme concorrencia de portugueses que teve, o que demonstrou o seu invulgar interêsse, dedica os festejos não só aos residentes ingleses, mas a todos os portugueses, e o produto dos festejos será dedicado exclusivamente a fins de beneficencia de portugueses e ingleses.

Exposição de trabalhos

dos artistas combatentes

Em virtude de se relizar uma conferencia do sr. Déprez, no proximo dia 30, a II Exposição de Trabalhos dos Artistas Combatentes será encerrada, impreterivelmente, na noite de amanhã.

A referida exposição e a primeira de trabalhos de artistas de filhos de combatentes continuam abertas, hoje, das 16 ás 18 e das 21 ás 23.

Festa da Marinha

Por motivo desta festa, no proximo dia 3 de maio, a C. P. organiza um passeio no Tejo a bordo dum dos seus melhores vapores ao preço de 10$00 para homens e de 5$00 para senhoras e crianças de 10 a 14 anos.

As crianças de menos de 10 anos nada pagam.

A partida, da ponte da estação do Terreiro do Paço, será oportunamente anunciada.

Os bilhetes estarão á venda no Escritorio de Informações da estação de Lisboa-Rossio até 1 hora e na do Terreiro do Paço até 5 minutos antes da partida.

Festas do 1.º de Maio

Feriado Nacional de 3 de Maio

Nos dias 2 e 3 de maio proximo futuro estarão á venda nas estações da C. P. os bilhetes da sua Tarifa n.º 21 de grande velocidade que têm a redução de 45 por cento. Tanto estes como os da mesma tarifa que sejam vendidos nos dias 30 do corrente e 1 de maio proximo futuro são validos para o regresso até ás 12 horas do dia 4 de maio.

PRODUTOS DE BELEZA

Não é apenas com uma bonita «toilette», com uma linda atitude ou a graça de um gesto, que uma mulher resolve o problema da sua formosura.

Na escolha de um bom produto de beleza ou de um tratamento eficaz, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta um aroma de juventude tão pouco para despresar...

Para qualquer especie de maçagens, aplicações ou outros tratamentos do rejuvenescimento e aformoseamento do rosto e da epiderme, tem a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA produtos e aparelhagens modernas especiais que a colocam a par das melhores casas estrangeiras do genero.

Academia Scientifica de Belleza

Lisboa — Av. da Liberdade, 35

Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Todos os vitraes do eximio artista Ricardo Leone, estão sendo colocados com **STOPSTARA** produto de inteira e absoluta confiança! Nas instalações de Lisboa Filme L.ª, e Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa empregou-se **STOPSTARA.** Não hesite; prefira este magnifico produto! Peça demonstrações a Antonio Augusto Pedrosa, R. Arco do Cego, 38, 1.º, D, — T. 40323.

DULUX

A pintura económica

Eis uma nova tinta de maior duração, que conserva mais o seu brilho, seca ràpidamente e resiste melhor à acção destruidora do tempo. Verifique como DULUX reduz as despezas de conservação, aumenta o poder de resistência contra os elementos e lhe economisa dinheiro.

DUPONT

REG U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

HAVAS

PERFUMARIA

Rosa D'Ouro

Cabeleireiros de Senhoras

Tinturas de cabêlos—Ondulações permanentes—Processos Ultra-Modernos—Garantidos por 10 meses—Os melhores artistas—Os melhores oleos—A melhor aparelhagem

PREÇOS: Aplicações em todas as côres e tinta á escolha da cliente, DESde 15$00

Permanentes desde 25$00

Todas as senhoras teem direito a um brinde no valor de 5$00, 10$00 ou 15$00 escudos, segundo o preço do trabalho executado. MANICURES: Das 9 ás 12 e das 14 ás 19

Rua do Ouro, 279-281—Telef. 2 6967

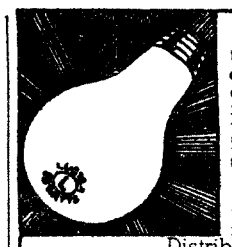
Elasticidade significa bem estar

Com boa disposição vencem-se todos os obstaculos. Não sofra de dores de dentes ou de cabeça — recorra já á

BAYER

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA



REQUISITOS INDISPENSÁVEIS

Uma lâmpada só é boa quando consome pouca corrente e dá um máximo de luz, quando tem longa duração, é isenta de defeitos e tem suficiente resistência. As lâmpadas LUSTRA satisfazem a todos estes requisitos. Prefira-as.

Distribuidores:

António José Fernandes, L.da

44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

CADEIRA-CAMA

Patenteada, com rodas para paraliticos: outras um tanto melhor para quem tem saude. Recomendam-se pelas suas 6 belas posições de repouso **Colchoaria das Avenidas, Ld.a** Av. Marquês de Tomar, 59. Tel. 41335.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

S. A. R. L.

AVISO AO PUBLICO

SERVIÇO INTERNACIONAL

Restrições nos serviços directos entre Portugal e França e além

Os serviços directos entre Portugal e França e além encontram-se sujeitos ás seguintes disposições:

SENTIDO PORTUGAL-FRANÇA

I—*Passageiros*—Os passageiros que desejem seguir directamente para França, terão de utilizar a carruagem directa (lugares comuns de 1.ª e 2.ª classes e camas) que, conforme se anuncía no Cartaz-horario em vigor, circula entre Lisboa e Irun pelo comboio rapido n.º 51 e pelos comboios em ligação.

A esses passageiros é permitido adquirirem, nas estações habilitadas a vendê-los, bilhetes de simples ida para qualquer das estações francesas indicadas nas Tarifas n.os 301-302 G. V. Até aviso em contrario está suspensa a venda dos bilhetes de ida e volta previstos nas citadas tarifas.

Se a viagem fôr feita por outros comboios, terão os passageiros de munir-se de bilhetes para Irun, onde terão de ocupar-se do seu seguimento bem como do das suas bagagens até Hendaye.

A estação de Hendaye está habilitada a vender bilhetes e efectuar o despacho de bagagens para qualquer estação francesa.

II—*Bagagens*—As bagagens dos passageiros que utilizem o serviço directo antes indicado, poderão ser expedidas directamente para as estações de destino em França, em conformidade com as Tarifas n.os 301-302 G. V.

As bagagens com seguimento por quaisquer outros comboios não poderão ser despachadas para estações além de Irun.

A venda de bilhetes e o despacho de bagagens autorizados por este Aviso são feitos sem responsabilidade alguma por qualquer impedimento que os passageiros ou as suas bagagens possam sofrer no seguimento além da fronteira luso-espanhola.

Até aviso em contrario, encontra-se suspensa a venda de bilhetes simples e de ida e volta e o despacho directo de bagagens com destino ás estações belgas e britanicas indicadas nas Tarifas n.os 401 e 402 G. V. desta Companhia ou reciprocamente.

III—*Mercadorias*—Não se aceita a expedição de mercadorias para França ou além.

SENTIDO FRANÇA-PORTUGAL

IV—*Passageiros*—Os passageiros destinados a Portugal que utilizem entre Hendaye e Irun o comboio de ligação com o comboio espanhol pelo qual circula a carruagem directa com lugares de 1.ª e 2.ª classes e de camas Irun-Lisboa (chegada a Lisboa pelo comboio rapido n.º 56 conforme se anuncía no Cartaz-horario em vigor) poderão adquirir só em Hendaye bilhetes directos de simples ida, para Guarda, Pampilhosa ou Figueira da Foz para entrada em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso.

Se a viagem fôr feita fora destas condições, terão de adquirir-se em Hendaye bilhetes para Irun, onde, para o seguimento da viagem, terão de ser adquiridos novos bilhetes.

Os passageiros com bilhetes de Hendaye para Pampilhosa podem obter nessa estação ou em transito, sem qualquer aumento, bilhetes para o percurso excedente de Pampilhosa até Lisboa-Rossio, Entroncamento, Coimbra ou Porto.

V—*Bagagens*—Os portadores de bilhetes da procedencia de Hendaye podem despachar as suas bagagens directamente, por via Vilar Formoso, para Guarda, Figueira da Foz e Pampilhosa e ainda para Lisboa-Rossio, Entroncamento, Coimbra ou Porto, quando, exibindo bilhete para Pampilhosa declarem ser qualquer daquelas estações o seu destino efectivo. As taxas a cobrar são as que correspondem segundo as Tarifas n.os 301-302 G. V.

VI—*Mercadorias*—As estações francesas e de países anteriores não expedem mercadorias para Portugal.

O presente anula o Aviso ao Publico A. n.º 553 de 25 de janeiro de 1938, e modifica, na parte que lhe seja contraria, o Aviso ao Publico A. n.º 499 de 18 de agosto de 1936.

Lisboa, 23 de abril de 1938.

O Director Geral da Companhia

A. de Lima Henriques

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P,	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL — **Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro'Mar** — **O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.**

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

Na prisão de ventre

DRALAX

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211—PORTO

Delegação em Lisboa:

J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.a

Praça Duque da Terceira, 21

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

POR esta época já os editores começam de estabelecer os seus programas para a *season book* seguinte, que, como é sabido, se inicia entre nós em outubro, após as férias, vilegiaturas e andadas de excursionismo. Confidenciam-nos que a Parçaria Antonio Maria Pereira, uma das mais antigas e bem reputadas casas editoras do nosso país, encetará o seu proximo ano literario com uma colecção absolutamente nova, não só aqui como alhures, e que terá o mérito de dar a conhecer ao nosso publico valores excelsos da literatura mundial contemporanea, que ele ainda, para vergonha sua, desconhece. Denominar-se-á «Romancistas do Premio Nobel» a aludida colecção, e este enunciado basta por si só para nos deixar entrever a categoria dos livros que a vão formar. O seu primeiro volume é de Knut Hamsun, o glorioso escritor norueguês, nunca, até hoje, introduzido no nosso mercado, não obstante andar traduzido nos principais idiomas. Da versão do vigoroso romance de Knut Hamsun foi encarregado Cesar de Frias, que juntará á obra um um prefacio relativo quer ao autor prefacio relativo quer ao autor, quer ao alto significado do Premio obel.

■

NOMES malditos. Todos os cidadãos que na Russia se chamavam Trotski apressaram-se a pedir autorização para mudarem de nome. Semelhante homonimo com o inimigo do povo n.º 1 tornava-lhes a vida intoleravel. O pior é que a lista dos nomes malditos alonga-se cada vez mais. Assim lê-se nos jornais de Moscovo que a cidadã Olga Bonkharine deseja chamar-se de futuro Raimundo; que Fride Rozenholz, não querendo ter nada de comum com o antigo comissario do comercio exterior, recentemente executado, escolheu o nome de Chour. Ha tambem uma tal Natalia Toukhatchevski, residente em Moscovo, que prefere a este nome muito em evidencia o de Rostav, que é mais banal.

Enfim, varios Rykov abandonaram-no, não querendo de modo algum que alguem ao pronunciá-lo se lembre do antigo presidente do Conselho dos comissarios.

■

Anunciam de Budapeste que vão ser retirados do fundo do Danubio os tesouros do rei Luiz da Hungria que ali se encontram ha quatro seculos. Conta-se que depois da batalha de Mohacs, em que aquele rei sucumbiu ás mãos das tropas de Solimão, a sua viuva carregou em barcos os tesouros da côrte de Buda. Os navios, porém, foram atacados, sossobrando entre Esztergom e Parkanyana. Em Budapeste ha a impressão de que será facil exumar aqueles tesouros.

As cartas intimas de Garrett

pelo dr. Sousa Costa

E' velho o tema. Vem á barra desde que ha varões ilustres e escritos particulares. E os pleiteantes, como em todos os pleitos, alinham em partidos. Estes proclamam ilegitima a publicação postuma de escritos intimos. Constituem segredo de confissão—alegam. Além de que, se procedem de escritor, podem afectar-lhe o patrimonio literario. Aqueles, por sua vez, e contam por maioria, arvoram o pendão da legitimidade.

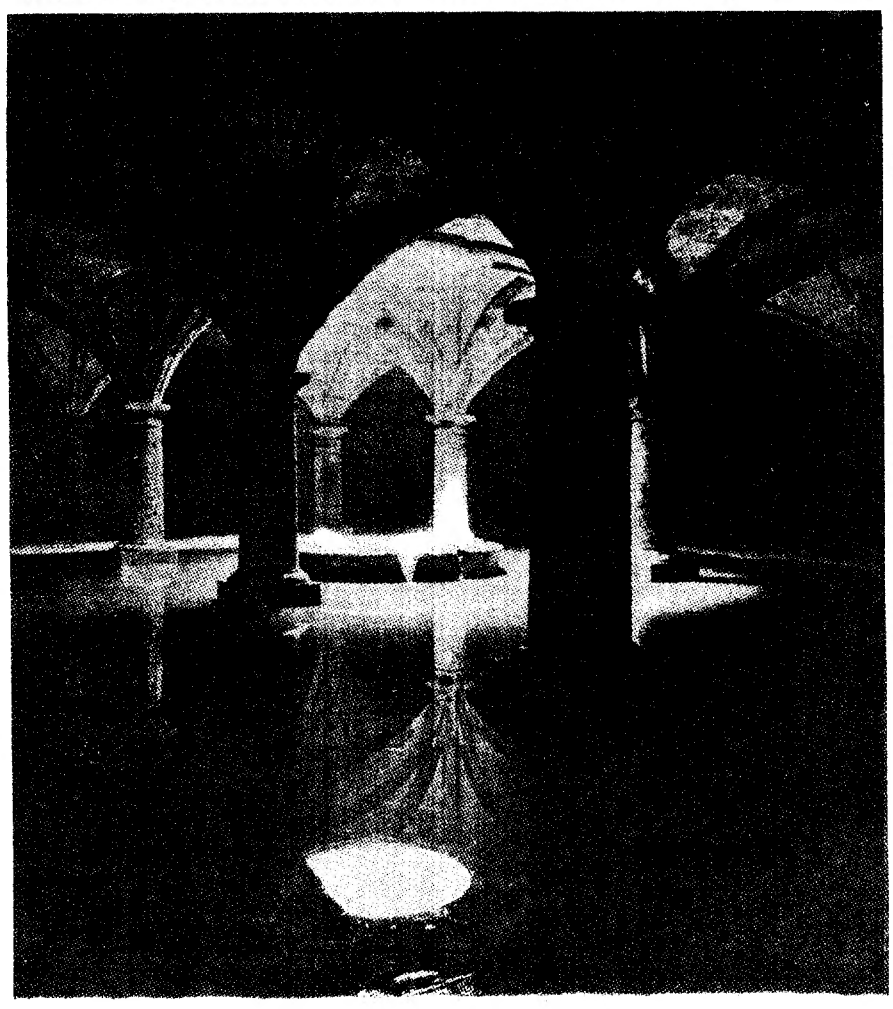
Pronunciam-se pela publicação, embora cativa de crivo capaz de apartar trigo e joio. Porque o homem introspectivo, escritor ou guerreiro, só nos sentimentos intimos se põe a descoberto. Só na confissão expontanea a alma veste a inocente nudez do Paraiso. Assim, as cartas intimas, são agua limosa ou veio de cristal de que as almas se debruçam, em casta nudez, esquecida a fôlha de parra ou a corôa de louros dos lances teatrais no varandim da ribalta. E se interessam pelo que revelam do homem, evidentemente, interessam pelo que dizem de guerreiro, do escritor, seus sosias.

O tema torna á barra a proposito do capitulo de Julio Brandão, no seu ultimo livro, *Desfolhar de Crisantemos*, sôbre as cartas de Garrett á inspiradora das *Fôlhas Caídas*, a obra prima do grande Poeta, a maior daquelas, segundo o voto de Ramalho Ortigão «de cujo sentimento profundo se não encontra exemplo senão em Byron e em Alfredo Musset».

Julio Brandão de novo despacha, nas paginas do recente e empolgante volume, a favor do legitimismo. E enfileira nêste partido á falta de respeito pelo egrégio poligrafo? Ou alheio ao criterio de unidade no panorama da sua obra? Ninguem, de boa-fé, poderá querelar do eminente prosador-poeta por tais delitos. Paira sobranceira ao absurdo a nobre delicadeza, a rara sensibilidade do artista que tão alvo arvora por insignia «o prazer de admirar».

De resto, o academico ilustre documentou superiormente a sua devoção pelo Patriarca do romantismo no notavel estudo intitulado «Garrett e as cartas de amor». E essa devoção lateja, fremente, expressiva, dominadora, no friso do retabulo classico do *Desfolhar de Crisantemos*, ao evocar «Garrett e as reformas setembristas», fresco magistral em que o poeta e o politico, o reformador e o artista surgem á luz do dia na plenitude do seu equilibrio escultorico, da sua fôrça criadora, dos seus omninodos talentos.

Defendendo a tese da publicidade Julio Brandão observa: «De Goethe já vieram a lume mais de cinquenta volumes das suas cartas intimas. Só as dirigidas a Cristiana Vulpius são trezentas e cinquenta». E, acrescenta, «as cartas de Goethe não o arrancaram ao Olimpo». Louva a publicação da correspondencia intima de Eça de Queiroz, contribuindo «para a analise completa do escritor, do pensador e do artista». E cita o caso da publicação das cartas de Balzac, Gambeta, Ricardo Wagner.



Mazagão, interior da cisterna da cidade portuguesa, que ilustra o fasciculo VI da «Historia da Expansão Portuguesa no Mundo»

Muitas das cartas de Ricardo Wagner ás doces samaritanas que lhe transformaram em rosas as pedras dos lapidarios, foram postas a correr por familiares das musas benfeitoras.

As cartas de Garrett á musa das *Folhas Caidas* encontram-se na posse de remotos parentes da então formosa senhora. Refere-se a elas o sr. dr. Mario Gonçalves Viana, no *Garrett* da sua admiravel galeria de *Figuras Nacionais*. A' hora da morte do Poeta, numa das suas malas, apareceram trezentas e tantas cartas daquela senhora, em resposta ás que recebera do escritor.

Eu não descortino a razão do escrupulo que as furta á luz. Os dois personagens do drama idilico desapareceram da cena ha mais de 2 terços do seculo. Ao que me consta, não têm na sociedade de hoje representantes directos. Depois, o poema sentimental vivido em comum tornou-se publico e notorio. Os namorados, como assevera o sr. dr. Gonçalves Viana, «nem sequer se davam ao trabalho de ocultar o seu mutuo amor, encontrando-se, romanticamente, em Sintra, em Cascais, em Pedrouços».

Essa Senhora inspirou ao Poeta versos como os da poesia *Cascais*, por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos inscrita no devocionario das cem melhores liricas portuguesas. Ao calor tropical da paixão pela encantadora andalusa o tronco já em adiantado outono reverdeceu, floriu, frutificou, primavera e estio, alvorecendo nas musicas e insensos das *Folhas Caidas* — documento autentico de que Garrett, afirma-o Ramalho, «foi moço até morrer». Pertence ao imortal poema o lirismo dos *Cinco Sentidos* — composição breve, no entender do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, por nenhuma igualada na verdade «do amor-exclusivista, do amor-paixão». E' essa obra de genio, no conceito do sr. dr. Hernani Cidade «o livro mais extraordinario que em Portugal cantou o amor».

Ora a logica manda aferir do valor das cartas pelo valor do poema — vozes do mesmo anseio, crepitações da mesma labareda. Mas a logica, irmanando-as como frutos da mesma arvore, geradas na mesma estação, atribui primasia ás cartas em expressão reveladora. Porque o poema é o éco e o reflexo da labareda, graduados a meias para os sentidos da Musa em cena e da numerosa platéia. As cartas, não. As cartas são só para ela. Rompem de coração para coração. Isentas de velador contra a devassa de terceiros, ardem de amor em sofrega combustão, floresta que se dá toda, sem balisas, sem interferencias, ao fogo vivo que a devora. Essas cartas, á certa, contêm a seiva, a ardencia, a pujança do poema, multiplicadas pela espontaneidade e a exaltação dos naturais impulsos do sentimento livre.

Porisso se não compreende o prejuizo que as conserva aferrolhadas a sete chaves. A propria idade e os costumes bastavam para lhes conferir o indulto e a publicidade. São horas do carcereiro as restituir á liberdade. Mas, a fazê-lo, impõe-se que proceda com acêrto. Que as confie a quem as ausculte, a quem as sinta, a quem as integre na hierarquia e na ordem devidas. E não descubro em Portugal sensibilidade, capacidade e escrupulo mais idoneos do que os de Julio Brandão para o encargo de as receber, coordenar e preitear.

SOUSA COSTA

ALVA DA PRIMAVERA

Doçura da tarde de Março...
Doçura...

Entreabrem-se os labios das arvores.
Os gômos são beijos... São beijos
As folhas, as flores os gômos:
Um sonho... Um desejo, um esforço
Que canta vitoria!

Ha névoas nos longes. O Tejo,
No fundo, adormece, invisivel.
E a névoa, além Tejo, — é suspeita
De mundos...

Ha névoa na tarde... Brandura
Nas formas, nas coisas, nas côres,
Nos olhos, nas almas...

De névoa se vestem as arvores:
Suspeita de flores, mais flores
E arômas...

Um berço entre as arvores:
— Um anjo que lança o olhar sobre o mundo...
(— Dois noivos que passam...)
— No azul dos seus olhos ha um mundo!

M. AUGUSTO CASIMIRO

BIBLIOGRAFIA FRANCESA

Le Parti Unique, de Mihail Manoilesco

Mihail Manoilesco é um dos nomes da politica romena, cuja proeminencia lhe deu uma larga projecção internacional. Antigo ministro e professor de economia politica tem uma autoridade especial para estudar a evolução dos modernos regimes europeus.

Le Parti Unique é um livro de actualidade, que deve ser lido em Portugal. Mihail Manoilesco na introdução define os seus objectivos. «Parmi les criations politiques et sociales de notre siécle—qui pour l'historien commence en 1918—il y en a deux, qui enrichissent d'une manière définitive le patrimoine de l'humanité. Ce sont deux institutions qui, au moins sous leur forme contemporaire, présentent une originalité et une nouveauté incontestables et qui seules parviennent à donner un relief ou paysage politiqu ede nos jours.

Ces deux instituitions sont: *la corporation et le parti unique*.

O autor é um simpatisante lucido e inteligente das ditaduras, mas imparcial, com objectividade historica. Para ele o partido unico é uma instituição fundamental desses regimes. De facto, embora estudados localmente, não aparecera ainda u maobra, que os analisasse em conjunto, comoum fenomeno sociologico novo e particular do nosso seculo.Manoilesco faz, admiravelmente, esse estudo nesta obra, que ele classifica como esquisso da teoria do partido unico. Numa sintese admiravel o autor analisa o sua formação nos diversos países, e a sua organica, em planos de sintese, expressos com admiravel relêvo. O livro divide-se em quatro partes, que tem por titulos: A necessidade historica do partido unico; As funções do partido revolucionario, antes e depois; As funções permanentes e O partido unico.

Na segunda parte, dedicada aos grandes partidos unicos contemporaneos, ha um capitulo referente a Portugal, onde se analisa com exactidão a obra renovadora do dr. Salazar, e a mecanica da União Nacional. (*Les Oeuvres Françaises*).

Le Prince Heureux et autres contes, de Oscar Wilde, tradução de Léo Lack.

Eis um tradutor exemplar, que não trai os seus autores. Leo Lack deve ser um poeta, enamorado da forma. Apresenta-nos este livro com a economia da edição original. Isto significa que não lhe eliminou qualquer dos contos, ou juntou outros que não lhe pertencessem. Ha que louvar este respeito pela obra admiravel de Oscar Wilde, que nos surge assim numa unidade literaria impecavel.

Le Prince Heureux et autres contes pertence á categoria rara das obras primas. E' um verdadeiro poema em prosa, duma sumptuosa riqueza de estilo, com imagens deslumbrantes, e um fio moralista, que nunca se perde.

A originalidade de Wilde, o valor musical da sua forma, a sua ternura humana têm, nesta obra, muito bela, duma eternidade de beleza, o seu melhor padrão. *Le Prince Heureux*, o primeiro conto, é um simbolo. Podemos classificar como uma criação genial, essa estatua criselefantina de preciosos metais variegados, dum rei triste, em cujo pedestal as andorinhas fizeram ninhos. Vem o outono, e o principe pede-lhes que não partam para os países do sul, onde ha sol, flores ,alegria. Encarrega-as uma a uma de o despojarem da sua riqueza inutil, das pedras preciosas que são os seus olhos, do oiro e da prata que, inutilmente, o sobrecarregam para os levarem a esta casa onde ha um pobre, aquela na qual uma doente se despede da vida, do orfão abandonado. Trancendente como criação! Segue-se-lhe o celebre *Rouxinol e a Rosa*, *O Gigante Egoista*», *O amigo dedicado*, *O foguete vaidoso*.

E' sempre Wilde, talento extraordinario, que nos legou uma obra extraordinaria. Devemo-la reler, e entrega-la a nossos filhos, porque nada se fez até hoje tão belo em literatura infantil. (*Mercure de France*).

Au pays du grande mensonge, do dr. A. Ciliga.

Pode considerar-se um livro sensacional, que vai, decerto, impressionar, profundamente a opinião mundial. Não se trata do relato dum viajante ocasional á U. R. S. S., como André Gide, Panait Istrati, Roland de Dorgelês, e outros, mas dum homem que ali viveu perto de dez anos, metade dos quais prisioneiro. A. Ciliga é um yugo-eslavo, que não oculta os motivos que o levaram á Russia, em 1926: «etudier sur place les experiences de la revolution russe». Instantaneamente operou-se nele o desencanto e a reacção. Na sua qualidade de comunista ortodoxo, Ciliga trabalhou primeiro em Moscovo. Mas logo á sua chegada ficou impressionado das contradições entre o que se sabia, em parte d aEuropa, da U. R. S. S. e o que ele era na sua realidade. Em 1929 aderia á chamada oposição das esquerdas, e foi excluido por um ano do partido comunista. Todavia, foi nomeado professor da Universidade de Leninegrado, onde ensinou a historia moderna da Europa ocidental. Em maio de 1930 foi preso como trotzkista, em Leninegrado, e, mais tarde transferido para as cadeias do Ural (Tcheliabinsk e Verkhoré-Ourinsk). Depois de ter passado três anos na cadeia foi deportado para a Siberia. Após uma terrivel e dramatica luta com o governo sovietico conseguiu obter, enfim, os seus passaportes. Esta pequena biografia significa que Ciliga se documentou, copiosamente, sobre a Russia, tendo, portanto, o seu livro o valor irrefutavel dum testemunho vivo e, dolorosamente vivido.

Pôde observar de perto todas as formas da existencia, naquele país, tanto a vida normal, no periodo da sua liberdade, como a vida das vitimas do regime, durante os seus anos de cativeiro. São, sobretudo, as suas observações no exilio e na cadeia que merecem ser analisadas, pois que sob o actual regime da U. R. S. S. é na prisão que se pode fazer uma idéa justa da inquietação do país. O interesse apaixonado por tudo quanto ali se passava, permitiu-lhe traçar um emocionante quadro da Russia actual, interpretando os mais recentes acontecimentos, que tantas vezes surpreendem os estrangeiros. Em 1932, Ciliga rompia com o grupo trotzkista. Conheceu, porém, suficientemente todos os meios oposicionistas, para recolher preciosas informações, tanto sobre as figuras que deles fazem parte, como da sua actividade.

Au pays du grand mensonge não é uma obra teorica. Contem profundas observações sobre todos os problemas russos, e o destino da revolução. (*N. R. F. Gallimard*).

UMA NOVELA

Ladrão do mar

por Eugenio Vieira

Era na Foz do Arelho em 1905. Na locanda do tio João Baiana, mesmo á beira da estrada, na casa mais exterior, alguns parceiros jogavam. Lá dentro, na pequena sala de jantar, tinham-se reunido, comigo, outras, para passar-se o serão.

Contavam-se historias, cavaqueava-se e eu relatava que teria de dar um passeio no dia seguinte, pela Lagoa, em bateira, embora a agua estivesse um tanto empolada. Mesmo por assim ser é que eu punha no passeio um especial interesse. Tais digressões eram-me completamente favoritas, sôbretudo se as aguas eram revoltas, pois gostava de sentir-me baloiçar fortemente pelas ondas. Não sei se repararam já, que eu sou um tanto como a procelária? Gosto de pairar na tempestade...

Acompanhar-me-iam, como sempre, alguns alunos, que eu estava ali em missão escolar.

Desta vez contava entre os meus companheiros, dois mocetões—os Gregorios—, firmes como colunas, pacientes como novilhos, resistentes como as ondas do mar. Iam atravessar a remo, para passar á *outra banda* o avô, que os tinha vindo ver, e morava no Baleal.

Eu aceitara aquele convite de passeio numa especie de encantamento.

Mas voltemos á locanda do tio João Baiana.

A certa altura da conversação, o dono da casa tomou a palavra:

—Pois senhor professor: se tanto lhe vai agradar o passeio, sempre lhe direi que a pessoa que vão passar na bateira, não é lá grande companhia... Instintivamente estremeci, como se a fatalidade me desse um aviso interior, e preguntei:

—E porquê, tio Baiana?

—Eu lhe digo. Esse homem nunca a mim me fez mal, mas bastou-me conhecer um caso da sua vida, para não mais o poder encarar.

Tio Baiana, arrancou duas fumaças ao cigarro, envolveu-me um momento num olhar de observação e, a seguir, continuou:

—Os olhos dele nunca me enganaram!

E voltando-se para os assistentes: «Como vêem trata-se do Ladrão do Mar!».

—Mas, que fez afinal esse homem?

—Oiça. Quando ha uns quarenta e tal anos deu á costa, aí, um grande barco—o «Roumania»—esse velho era então um rapaz novo. Dizem que encontrou na praia um *China*, de guarda a duas malas que o mar tinha arrojado á praia. Dirigiu-se—dizem— ao estrangeiro, falou-lhe, e como ele não o entendesse, empregou outro genero de conversa: amarrou-o a uma mula e chicoteou-a até que o *China*, batendo por pedregulhos e rochedos, acabou seus dias, o desgraçado! Depois, carregando as malas na mula, meteu a galope pela praia, sumiu-se entre as rochas e nunca mais se viu.

—Mas soube-se isso concerteza?—preguntei. Por que é que a Justiça não procedeu?

—A Justiça, nêsse tempo, era em verdade cega. Era o tempo em que no alto dos cerros acendiam fogueiras fingindo farois. Foi daí que ficou ao monte em que assenta hoje o *Castelo Grandela*, o nome de *Monte do Facho*. Os barcos, atraídos pela luz, vinham a dar nos recifes. Então, a matulagem, combinada, corria á praia, a roubar e a matar naufragos. A's vezes havia devassas, mas nada se conseguia apurar. Eram muitos os interessados...

—Nunca houve então provas?—sublinhei.

—Não se provou, mas sabe-se, acudiu um dos circunstantes.

—Já lá está na terra da verdade quem viu com os proprios olhos—minha avó, que Deus tem—disse uma das mulheres, convincente.

—Veja bem se nota qualquer coisa nos olhos dêsse homem, me recomendou tio Baiana. E o serão findou entre recomendações a que respondi:

—Não lhes dê cuidado! Homem prevenido vale por dois...

No dia seguinte, os Gregorios e seus companheiros foram buscar-me a casa. Caminhámos, em silencio, com o avô, até á volta da estrada. O homem tinha-me saudado, sem palavras, tirando o chapeu num ar brusco e como furtivo. Entrámos todos no barco. Largámos. Sentados, fizemos uma parte do percurso, em silencio. Quasi a meio da lagôa, de repente, o velho disse:

—*O' sôr mestre*: eu sou como o outro que diz um *rudo* que p'raqui ando por este mundo de Cristo. Eu não *sê* nada. Mas ele haverá Deus, ou lá o quê?...

—Feliz daquele que, do fundo da alma nêle crê...

—Pois eu *támem* estou em *acraditar*... Certas coisas que não via e agora vejo... Ha gente que paga o mal que faz!... E o Inferno? Ele haverá Inferno, *ó sôr mestre? O'* como o outro que diz, ele *será* cá nêste mundo?

—O Inferno, disse eu com intenção, compreendendo o genero de pessoa que tinha pela frente, existe, mas só é de temer para os que vivem do crime ou para o crime...

—Ih!—sorriu cinicamente aquele homem. *Calderões e calderões a frever*, chamas a arder, e alminhas dentro de fogueiras, sempre a arderem sem nunca mais se queimarem!... E' um grande misterio! Deve haver lá, por certo, grande berrata!... Credo!...— disse ele engrossando a voz.

—P'lo menos tanta como no naufrafio do «Roumania», disse eu espiando a fisionomia do meu interlocutor...

—Já fui diabo, já fui diabo, não ha que vêr! —disse ele, numa voz aloucada, e calou-se.

Dei então em estudá-lo mais a fundo. Sobressaindo na cara encarvoada ,que emmoldurava uma barba grisalha e suja, notei-lhe um olhar de ave de rapina e umas feições de bronze. O rosto era banhado por adormentador sorriso, numa malicia maníaca, com seu tanto de iluminado, num fingimento de bondade. Insinuante a um tempo e a um tempo repelente, o homem...

Criaturas humanas ha, que são para outras o que a cobra é para os passaros: seu olhar fascina; sua boca apavora mas atrai; o seu todo comanda, e é que não ha senão obedecer-lhes como a ave fascinada obedece ao reptil. Esta a historia de muitas aventuras de crime.

.....

Depois da minha apologia sôbre o Inferno, o velho emmudecera. Mas, de repente, desprendeu os labios, para dizer:

—Tenho setenta e quatro anos, tenho filhos, netos e bisnetos. Não se me dava de vêr ainda *tatranetos*. Ainda queria vêr mais mundo. Mas o que não gostava de vêr, era dar mais barcos á costa, como o «Roumania»!...

—Não deve ser lá grande coisa, não! Sobretudo p'ra quem tenha, como qualquer de nós, um coração cheio de bondade...

—O velho, nêste ponto, teve um esfusiar de olhos colerico, acompanhado de uma forte gargalhada. O brilho dos olhos mantinha-os luzentes como os das aguias. Eles fitavam os meus, que eram observadores e calmos. Depois, pregou-os nos longes da foz, onde as ondas, resistindo á corrente, se encastelavam e esbarrondavam em quedas de enorme açude branquejante. De subito, sempre de olhar ali fito, como numa fascinação estranha, estrebuchando a mandibula, disse:

—Mete á bôca do mar, *Teino*, que se todos lá fomos, alguns hão de ir pró inferno!

—Dá-lhe de encontro, Antonio, comandei energico, e fiz virar com o leme. O mar está picado e a corrente é grande—disse, quando já por ela me sentia arrastar.

As minhas primeiras palavras tinham sido ditas ansiosamente. As ultimas, porém, eram expressas com firmeza, ao mesmo tempo que apertava no bolso a coronha do revólver, afagando ao de leve o gatilho.

(Vêr continuação na pagina seguinte)

Quadras

Azeite na almotolia
Ha nas casas pobrezinhas
Tanto tempera as comidas
Como alumia as alminhas.

Qu'ria tanto que viesses
Que alvorôço, que alegria!
Resumia a vida inteira
Nessa... hora, nesse dia...!

Eu morri p'ra toda a gente
Tu dizes que... vais sofrendo...
Mas nota bem a dif'rença
Tu sofres... mas vais vivendo!

Eu não qu'ro que tenhas pressas
De me dizer não ou sim.
O que quero é que tu meças
Se gostas ou não de mim.

Ora qu'res ora não qu'res
Hoje qu'res amanhã não...
Tu sabes lá o que qu'res
Se tu não tens coração.

— Achava a vida tam longe —
Depois que te conheci,
Até acho a vida curta
Para estar ao pé de ti!

MARIA ADELAIDE

Dez minutos com

Garcia Domingues

Garcia Domingues é o tipo do ensaista moderno. O fenomeno politico interessa-o, dentro do conceito filosofico. A sua obra é pequena, mas valiosa, como os produtos que se pesam nas balanças centessimais. Assistente do professor dr. Matos Romão, Garcia Domingues tem sido um dos seus melhores auxiliares A sua «Poesia de Antonio Pedro» não é, apenas, um livro de critica, mas uma lucida interpretação das modernas correntes do lirismo no que revela uma profunda sensibilidade, e o situa entre os nossos primeiros criticos de materia literaria.

— *Como escreve?*

— Preferentemente de madrugada, quando o espirito parece estar mais livre das preocupações quotidianas. Não desprezo a acção dum excitante como o café. Escrevo por comodidade e habito em papel comercial. Antes de me sentar á secretaria procuro sempre arrumar idéas e encontrar o centro nevrálgico do assunto a expôr ou a desenvolver.

— *Que livros publicou?*

— Até aqui, quasi nada. Dois opusculos: «Da Cultura» e «Considerações sobre as possibilidades actuais da «metafisica», duas conferencias pedagógicas: «A Escola e a Nação» e «Fundamentos filosóficos da Educação Nacional» e um livro: «A Poesia de A. Pedro». De resto, não me considerando, de modo nenhum, escritor, quando alguma coisa publico, nada mais faço do que obedecer a um imperativo particular de qualquer ordem, moral, politica, intelectual ou religiosa.

— *O que pensa da literatura?*

— O pior possivel. Odeio a literatura que considero uma das maiores responsaveis da depravação e do desmiolamento do nosso seculo. Para mim, literatura é quasi sinónimo de literatice.

Mesmo as grandes obras de Dostoiewsky e Nietzche só as aprecio na medida precisamente em que não têm literatura e se podem antes considerar como testemunhas do aspecto doloroso e patético que a existencia humana em certos casos pode assumir.

— *Que literatura prefere?*

— Já que para comunicar os nossos pensamentos necessitamos, com frequencia, da forma escrita, tenho que admitir uma literatura. Prefiro então tudo quanto possa ter caracter filosófico: lógica, ontologia, teoria dos valores. Julgo que há livros de filosofia cujo poder emotivo é muito superior a qualquer grande poema ou romance. Poesia e romance são, para mim, em certo sentido, modos de enganar a vida.

Só a filosofia nos permite aquela contemplação da realidade que é o que verdadeiramente interessa ao homem. E quem sabe contemplar deste modo a realidade é filosófo, mesmo sem diplomas. Dentro da moderna literatura filosófica admiro em especial a escola alemã dum Scheler, dum Heidegger, dum Hartmann (N.).

— *Que livros vai publicar?*

— Neste momento está a sair na Imprensa Nacional mais um opusculo: «A filosofia da angustia de Martinho Heidegger». Tambem deve aparecer por estes dias um livro sobre «A Pintura de Magalhães Filho». Este trabalho está em conexão com um anterior «A Poesia de A. Pedro» e com outro que se seguirá «A Arquitectura da Ars». Desejo nesta trilogia apresentar um esforço notavel desenvolvido no campo da arte, para se conseguir poesia, pintura e arquitectura a serio, sem falhas originalidades, mas abandonando-se por completo o campo da rotina. Além das obras indicadas conto poder publicar dentro de pouco tempo três ensaios de filosofia: «A dignidade da pessoa humana», «Revolução da Cultura» e «O Pensamento da Nova Geração».

RECORDAÇÃO LITERARIA

Uma conversa com D'Annunzio ha um quarto de seculo

Tal qual como hoje, quem pensaria, a serio, por volta de 913, na imminencia da guerra? Entretanto não tardaria um ano que se desencadeasse o atrós flagelo sobre o mundo. Descuidosa, a Europa divertia-se como se a paz fosse a perpetua condição das nações e a França hospitaleira era a cita dos artistas, intelectuais, notabilidades e cresos de dois continente. D'Annunzio, tão á moda nos meios elegantes como Wagner, Wilde ou Bataille, acolhera-se para fugir aos contras da celebridade, ao remanso da floresta marinha de Lateste, no fundo do golfo da Gasconha: mata resoante de pinhos seculares dominando praia de areia fina onde ressaca a vaga e os longes, entre azul-leitoso e argenteo, duma vasta ria. Uma duzia de vilas perdidas no espesso do arvoredo e eis Mouleaux, lugar bem condicionado ao descanso do espirito. Escolhera o poeta a casa S. Dominique, que nada tinha de particular senão o nicho do santo á cancela do jardim, sob alpendre de tábuas pintadas de verde; a sua maneira de viver assaz estranha dava qu emurmurar á coscuvilhice local: velava escrevendo até de madrugada; logo montava a cavalo e alongava-se sob as naves das altas frondes enchendo o peito de ar balsamico e puro, rescendente do aroma da terebentina, que se respira entre pinhais; de volta, uma visita aos galgos, o almoço e depois o sono que lhe faltava de noite. Tal genero de vida era para dar que falar á gente das Landes, tão curiosa como a nossa, mas que finge, por discrição, não ver o estrangeiro. S. Dominique tinha fama de inabordavel ao clan dos jornais em cata de entrevista com vedeta tão celebre como D'Annunzio.

Grades de pinho, verdes, formavam triplo cerrado para impedir a fuga dos nivosos e felpudos lebreis russos, tão altos que passavam por cima os alvos focinhos ponteagudos; este seu horario tornava D'Annunzio invisivel e não fazia pouco para lhe arranjar lenda de figura bizarra: desconhecido no país como autor, a curiosidade de todo o bom francês da provincia pelo que crê misterioso ou romantico, era de molde a alimentar todas as imaginações e fantasias. Ainda, por então, a Imprensa não se abalançava aos lances de escandalosa audacia que hoje se passam a proposito duma actriz de cine, um boxeur, ou casamento morganatico de principe; os reporteres respeitavam a vila S. Dominique e talvez a corpulencia dos candidos e inocentes libreus. Não longe de Mouleaux ha uma estação climatica frequentada, com as suas hospedarias cosmopolitas, a sua carreira de «golf» e o seu casino: de quando em quando, este, anunciava teatro ou concertos e sucedeu que um pianista, acompanhado de uma cantora, veio dar ali, uma audição de Scarlati; o gracioso classico estava á moda, e o merecia porque na verdade é delicioso... Anunciada a «matinée», o dia amanheceu pardacento e logo desabou sobre a ria uma destas tempestades de vento e agua em que é tão prodigo o golfo; era preciso ser muito amigo de musica para arrostar com semelhante tempo; eu fui um dos raros; chamei o bigodoso cocheiro que estacionava ao perron do hotel, que breve me transportou á porta do casino e, paga a entrada, a «ouvreuse», de preto, aventalinho e touca, me introduziu numa larga quadra, asseadinha mas sem luxo de maior, onde me achei quasi só com o musico, a diva, um jornalista e duas ou três damas maduras, decerto apaixonadas de arte. Era a hora marcada e como o furioso temporal que uivava lá fora e açoutava as vidraças com grossas cordas de agua não prometia amainar, o pianista deu começo ao programa: não tinha acabado o 1º numero quando, sem ruido, a «ouvreuse» descerrou a porta para dar passagem a um recem-chegado: bem vestido como soia para concerto, talhe medio, levemente curvo, miudo de feições, linfatico; uma duzia de pelos louros o bigode, a barbicha rala, olhos claros em extremo expressivos mas cansados e papudos como de quem muito se aplica; dava ares de mundano elegante, estilo que pouco avezam a França, ainda que não pretenda que todos os franceses se vistam mal. Podia ser de todas as nacionalidades pré-Wilson da Centro-Europa, menos da dôce terra gaulesa, tão descuidada no vestuario do homem como requintada na «toilette» da mulher.

«Morte-saison» havia poucos forasteiros; curioso preguntei quem era, a «ouvreuse», que encolheu os ombros e me volveu «un étranger messieur». Pouco adiantara no meu ocioso inquerito: logo me vieram á memoria as coscuvilhices do comadrio indigena e não sei porquê (decerto por telepatia) lembrei-me do celebre D'Annunzio de quem tanto por lá se falava e ninguem na terra conhecia; como toda a minha geração, eu tinha um fraco por aquela sua figura ultra-byroniana. Logo associei a esta idéa o concerto Scarlati; não podia acontecer que o poeta viesse até ali, a-pesar da tempestade e da distancia, para ouvir o gracioso setecentista napolitano cuja obra renascida dum longo esquecimento começava por 1912 a interessar os meios de cultura musical.

Por que não? O poeta aborrecia-se de morte no seu isolamento de Mouleaux: nada é mais triste que a floresta ecoando revolta pela furia do ciclone; escumantes corceis de Neptuno dão o assalto á costa e rebentam em flôr na praia. D'Annunzio, que se levantava á hora meridiana, pensara decerto que com tal tempo apetecia mais a cidade: caiu-lhe sob os olhos o programa do casino: demais Scarlati, um compositor da sua estirpe: e ei-lo ao telefone a pedir um carro para vir á audição. Tudo isto era trabalho puro da imaginação que se me desenrolava em quadros á medida que seguia os passos do recem-vindo, que, vendo a jeito um «divan», largo e solitario, se foi lá sentar, por mais comodo ou ouvir melhor. No fundo de cada um de nós ha um policia que indaga quem é, o que faz e o que pensa o homem que o acaso nos deparou vizinho; ele e eu eramos ali os unicos estrangeiros: radicava-se-me a idéa de que seria D'Annunzio e dava tratos á memoria a ver se identificava aquela fisionomia com os retratos do autor celebre; mas talvez porque os seus fotos fossem muito retocados não encontrava a semelhança desejada. Figurava-se-me D'Annunzio um italiano do sul, tipo mediterraneo, moreno, forte; mascara incisiva que a calvicie precoce recortava nitida; por pouco que, dias antes, não abordo um «touriste» bem vestido que topei com o aspecto do «cliché»; afinal o do concerto que devia ser «ele» não correspondia nada ao retrato; nem era trigueiro, nem prognata, nem perfil de moeda; ao contrario: figura linfatica, um pouco curvo, moderado de feições, sem relevo de maior; mas tal é o poder da objectiva que endeusa o homem como faz da actriz de Los Angeles, uma das três Graças.

Não era já tanto a curiosidade de saber quem era o outro ,o do sofá, mas intrigava-me deveras verificar se a ilacção dos meus raciocinios, que por obra de pura imaginação me levaram a suspeitar que estava ali o «grande homem», se provava: se fosse, por acaso, ele, como perderia eu a ocasião unica de conhecer o alto poeta que os do meu tempo proclamavam mestre em elegancias literarias? Nunca fui metidiço: timido por natureza e com o sentimento do ridiculo, sentia-me tomado de perplexidade: da mesma estupida «gaucherie» que se apossa dos acanhados, adiante duma mulher bonita, a quem desejam dizer qualquer palavra gentil.

Dir-se-ia, que o nosso sistema nervoso, solicitado, a um tempo, pelo atrevimento e pelo receio, exerce sobre nós uma acção inibitoria.

Assim eu me sentia, como um colegial namorado, diante do «grande poeta».

E se fosse outro por ele? Como seria risivel uma explicação: assim me sentia, intrigado, cheio de duvida, e como preso á minha cadeira. Com todo esse debate intimo o programa Scarlati, ia correndo pelas teclas, sem que eu lhe desse a menor importancia; mas, no palco, havia uma novidade: a prima-dona que acompanhava o pianista ia cantar: eu queria convencer-me de que se ouvia mal onde estava: não era tão natural mudar-se para a outra ponta do divan onde se sentara o desconhecido? Estava como abulico, pregado n omeu lugar : dava a minha consciencia o pretexto de que, ao contrario, se devia ouvir bem, pelas leis da acustica, ao fundo do salão e justamente onde o «gentleman» que eu supunha D'Annunzio se encostava, descuidoso. Na verdade, o que eu queria era achar motivo de, sem parecer importuno, me aproximar daquele «puzle» vivo: ele ocupava metade do divan do meio mas ás ilhargas havia duas preguiceiras vazias; parecia-me, pois, impertinente ir logo sentar-me ao seu lado: por fim o meu desejo de conhecer o glorioso autor que a minha época considerava mestre, foi o mais forte. Levantei-me e um pouco tremulo, como estudante timido que vai tirar uma menina para dansar, ainda que aparentando decisão no passo, dirigi-me ao sofá fatal e logo, compreendendo quão estupido seria forçar conhecimento, fazendo uma cerimoniosa venia ao seu ocupante, murmurei, em francês, uma desculpa «porque não ouvia bem onde estava» e instalei-me no canto oposto; o coração batia-me aos pulos; tambem não era

GABRIEL D'ANNUNZIO

oportuno dizer mais nada; entretanto, encolhido no meu cantinho, fui sossegando: estava finalmente ao pé do «homem»! Mas que luta de espirito e que comoção! Censurava-me a mim proprio dos meus incomodos nervos e tratava de me dominar. Entre nós medeava o espaço dum lugar; que de mais natural o que eu enfim ousara, mas á custa de sentir no peito o coração como um cavalo.

Certamente, de me sentir mesquinho ao pé da sua grandesa literaria, (que não a aparente) não acabava por achar o dominio dos meus neuronios destrambalhados; e creio hoje, que se não vestisse, como ele, identico «frak» e calça, e a mesma bota de polimento, o que me dava ares de confrade e colega, ao menos, em alfaiate, se não fôra esta especie de relações que estabelece a hierarquia dum bom «tailleur», nunca me teria atrevido a falar-lhe. Eis que logo uma ocasião se oferece, esta ocasião fugidia, como a deusa Fortuna, que tem de se agarrar pelos cabelos!

A primeira parte do concerto acabava, entre algumas escassas palmas a que me associei; o «outro» palmeava, como eu, por gentilesa; sem saber muito bem o que iria dizer, tal a perturbação, inclinei-me um pouco para o seu lado, com o ar indiferente de vizinho de «fauteil» e aventei: «Ce Scarlati—apoiando na ultima silaba como quem criou o vicio em França (esta deploravel mania de pronunciar mal todo o vocabulo peregrino)—trés beau, n'est-ce pas?»—exclamação que nada explicava.

Mas eis que o «outro» logo me devolve a frase, apenas com uma diferença: a de acentuar o segundo á do nome; mas nem importava a «gaucherie», logo por começo de relações, da minha pessima pronuncia de Scarlati, porquanto a sua tão instintiva como rapida corrigenda, me revelava que as minhas imaginações não eram infundadas, até certo ponto, e que estava, na verdade, diante dum italiano puro, que não dum outro estrangeiro francisado. Só eles sabem dizer Scarlati um tanto molhado e tão bem que logo me lembrou a «lengua toscana in bocca romana» do adagio.

Um italiano, elegante, artista, recta pronuncia, bem educado, ali no fundo do golfo da Gasconha, sobre «il mar atlantico», a tantas leguas da Sub-alpina, quem poderia ser, senão um «principe» ou uma «celebridade»: não era decerto um qualquer; se tivesse de travar conversa com um rei não seria com tal comoção... O homem que eu supunha, ali estava, era o Stelio Efrena de Il Fuoco, o artista supremo, o amigo da comica de genio, a Foscarina, cuja fama era universal; o poeta pagão do Intermezo de Rime, da Citta Morta, do Piacere, das Vergine e do Triompho; o tragico da Figlia de Iorio e de Phedra...

ANTONIO CID

(Continua)

OS LIVROS DA SEMANA

ATRAVES DA OBRA DO SR. ANTONIO BOTTO

(Análise critica) por AMORIM DE CARVALHO

Porque não? A critica é perigosa. Todos estamos cientes disso. Todos os instrumentos de rectificação e aperfeiçoamento do espirito humano são perigosos. E' perigoso todo o processo uniformizador e pedagogico. Acabo de ler sobre o assunto um ensaio notavel de que me hei-de vir a ocupar brevemente. Mas o certo é tudo depender de quem utiliza estes metodos. Uma faca nas mãos de uma criança é um alarme para a mãi. Mas, nas suas proprias, transforma-se em instrumento de trabalho utilissimo. Com ela descascará a laranja que o filho ha-de comer. Quere dizer: o mal não é dos metodos, sim de quem os utiliza. Pelo menos assim é em grande parte. Não digo que os proprios metodos, por natureza rígidos e deformativos á força de ordenadores, não concorram para deformar o proprio espirito de quem os emprega. Mas uma boa inteligencia e uma sensibilidade fina podem suprir os perigos dos metodos pelos quais se procura orientar e disciplinar o espirito humano.

Ah! Mas quando falta a sensibilidade e a compreensão viva dessa cousa extremamente delicada e complexa que é a arte, que atrocidades a critica e o espirito pedagogico acabam por cometer'

De facto, uma obra de arte é uma criação do espirito. Uma obra de arte é, pois, como um produto do espirito humano, qualquer cousa que o proprio espirito pode apreender e explicar. Mas, cuidado. Uma cousa é conhecer as linhas gerais do funcionamento do espirito, outra ter o comando preciso desse mecanismo. Os biólogos já hoje sabem manter vivos certos tecidos. Pode fazer-se viver no laboratorio durante meses e meses—anos, mesmo—certas células Mas não ha cientista algum que saiba dizer como se operou esse prodigio. Ha ali, ainda, qualquer cousa de inexplicavel. O inexplicavel que ali ha é a propria vida. Ora com a arte dá-se fenomeno semelhante. Pode penetrar-se dentro de uma obra, decompô-la, desarticulá-la, reduzi-la ao seu mecanismo intelectual Pode ir-se mesmo mais longe: pode captar-se o proprio estimulante psicológico dela. Pode chegar-se a ver funcionar, como a celula animal, a celula estetica. Mas não ha maneira de, por nós proprios, orgulhosos senhores de todos esses segredos, recomeçarmos a obra saida do espirito de outro. Uma obra de arte é uma experiencia incomunicavel—é um ser vivo.

Aqui está: é porque uma obra de arte é um ser vivo que a critica tem de usar de todos os cuidados quando de uma obra de arte se aproxima. Tudo quanto acêrca dela disser tem de ser pesado numa balança a que presida este lema paradoxal: a vida não se pesa. Pesam-se, sim, os elementos materiais de que a vida se reveste. Numa obra de arte pode pesar-se todo o seu aparelho racional. Numa obra de arte ha uma parte muito importante confiada á razão. Mas a razão não é a obra de arte. Quando é que isto se chegará a compreender? Pois não é de uma elementariedade primaria que uma obra de arte não pode nascer divorciada da razão? Mas não será de uma elementariedade maior ainda que a obra de arte é, exactamente, entre todas as criações da razão humana, aquela que procura pôr o homem em contacto *com o que não é a razão humana?* Ter-me-ei feito compreender? Far-me-ei compreender se disser que a arte é a actividade intelectual que tem por fim pôr o homem em contacto com aquilo que a propria actividade intelectual pressupõe? Ora, se assim é, como alimentarmos a tola vaidade de explicarmos toda a obra de arte pelos seus elementos racionais?

A proposito de Byron disse Goethe ao seu interlocutor Eckermann: «...quando ele quere criar, todos os caminhos se lhe abrem: pode dizer-se, afoitamente, que a inspiração toma, nele, o lugar da reflexão. Byron não deveria fazer senão versos, pois, tudo quanto dele sai, sobretudo do coração, é excelente. Byron faz as suas obras como as mulheres os seus formosos filhos. O certo é que elas os fazem sem pensar nisso e, sem saberem como».

Este grande mestre dessa arte a que se chama, com devoção idólatra—classica, sabia muito bem que os artistas são como que *mãis* das suas obras. Os seus formosos filhos saem-lhes do cerebro *vivos. Vivos*—ouçam bem. Terse-á perdido o sentido desta palavra? Vivo quere dizer animado de uma força cuja origem e natureza todos desconhecem. E os artistas são esses homens que no dominio do espirito introduzem a maneira material de criar: *«sem pensar nisso e sem saberem como»* na frase de Goethe.

* * *

Amorim de Carvalho acaba de publicar uma obra de *analise critica* intitulada *Através da obra do sr. Antonio Botto* (Livraria Simões Lopes, Porto, 1938). Eis aqui uma dessas obras perante as quais nos apetece desesperar da critica. Amorim de Carvalho, um moço, suponho eu, animado de um zêlo e de uma seriedade de que não seremos capazes de duvidar um só momento, resolveu reduzir a obra de Antonio Botto áquilo que ele julga as suas devidas proporções. Começa por nos expôr as suas idéas sobre a originalidade na arte e por elas ficamos sabendo, entre outras cousas, de uma discriminação quasi infantil na sua elementariedade, que o estilo «é uma tecnica que se adquire e aperfeiçoa intelectualmente, compreensivamente, com um periodo de aprendizagem, de treino, de informação mais ou menos lenta». Para Amorim de Carvalho em arte tudo é mais ou menos assim: questão de treino e de paciencia... E' claro que não vale a pena contrariar um criterio tão ingenuo. Deixemos que Amorim de Carvalho, que, segundo ele nos diz, tambem é poeta, com treino e paciencia chegue a criar um estilo pessoal não só para uso da sua poesia mas tambem da sua critica. E seria optimo que fosse pensando em abrir uma cátedra para ensinar os homens a terem estilo, isto é, a serem artistas, pois, se é certo Amorim de Carvalho conceder ao temperamento um lugarzinho na criação artistica, segundo ele «é a vontade atenta e inteligente que tudo elabora, para definir e formar o estilo».

Evidentemente que o critico que fez sua uma concepção estetica tão curiosa tinha de ter da critica uma concepção paralela. Eis, pois, como, para ele, toda a critica que não assente no facto mais ou menos *cientifico* é «subjectiva, esoterica, cheia de imponderaveis». Eis como ele se propõe estudar a obra de Antonio Botto á luz desse criterio objectivo, cientifico, realista. Para ele, como para um erudito muito conhecido entre nós pelas suas oscilações *ideologicas,* o importante é o facto, o documento—o resto é retorica, intuicionismo. Vejamos como se realizou esse intento neste estudo consagrado á obra de Antonio Botto.

Uma idéa fundamental preside a toda a elaboração deste trabalho: o que ha de *original* na obra de Antonio Botto. não é dele. E Amorim de Carvalho, trabalhosa e pacientemente, faz o cotejo de certos passos da obra de Botto com passos de outras obras. Por este cuidadoso confronto chega á seguinte conclusão: é possivel que um poeta se encontre com outro por um mero acaso ou coincidencia. Grandes poetas têm-se encontrado com outros nas suas obras, (Amorim de Carvalho é um deles). Mas, no caso particular de Antonio Botto, embora não se trate talvez de um plagio consciente, o facto tem uma importancia capital: todas as belas imagens que Amorim de Carvalho transcreve da obra do poeta português se encontram, diz, na obra de outros. Ora acontece que Amorim de Carvalho não transcreveu nem aquelas outras belas imagens que na obra de Antonio Bôto se não parecem com outras quaisquer de obra alheia como todas aquelas que transcreve como verdadeiramente suas são, na opinião do critico, absurdas. (Diga-se de passagenm que são as mais originais). Resta verificar se realmente se podem considerar colhidas por sugestão — plagiadas — as imagens que Amorim de Carvalho diz terem-no sido.

E' preciso que nos entendamos: não pretendo fazer aqui a defesa da obra de Antonio Botto. Não tenho procuração para isso. Simplesmente, da mesma maneira que Amorim de Carvalho julga oportuno acudir ao descalabro da literatura portuguesa com medidas de boa higiene critica, eu penso que é conveniente pôr um travão a estas invasões pedagogicas, estereis e sêcas no campo da arte. Com a boa vontade manifestada por Amorim de Carvalho e os seus dons de investigador é facil chegar a provar-se que não ha um unico escritor português isento de plagio. Nem ha escritor português algum livre de caír sobre a alçada de um tribunal tão rigido, tão ininteligivel, tão escolastico, tão formalista, como o da critica de Amorim de Carvalho.

Mas vamos ao plagio ou ao «caso de influencia inconsciente», como lhe chama Amorim de Carvalho, de Antonio Botto.. Quando se compreenderá em Portugal que só um plagio importa: o plagio do nulo, do mistificador, do homem que, sem temperamento nem talento, se quere fazer passar por aquilo que não é? Ora, como o proprio critico de Antonio Botto confessa, não é este o caso do seu reu. Botto é apenas uma pessoa muito sugestionavel que se apropriou de idéas, imagens e concepções estranhas para completar a sua personalidade. Se Amorim de Carvalho o não soubesse, dir-lhe-iamos que um dos ideais da arte classica é fazer de temas eternos novos temas. A poesia de circunstancia preconizada por Goethe consistia num repetir de assuntos tratados já pela literatura. Camões escreveu sonetos inteiramente moldados sobre sonetos de Petrarca. O proprio soneto tão conhecido *Alma minha gentil que te partiste* é a réplica portuguesa do soneto de Petrarca, que começa: *Anima bella da quel modo sciolta,* etc. O sr. Marques Braga na sua edição das *Obras de Devaçam.* de Gil Vicente, consagra umas dezenas de paginas ao cotejo de certos versos de Gil Vicente com versos de escritores espanhois, como Molina, Rojas, Encina, etc. A que vêm então esses cotejos de Botto com o mediocre escritor de lingua castelhana Gómez-Carrillo?

Diz Amorim de Carvalho que uma das canções apontadas como das mais belas do poeta foi inspirada num resumo de Carrillo de um conto de um escritor grego moderno chamado Palames, desconhecido em Portugal, e traduzido para francês. Quere dizer: Antonio Botto escreveu essa formosissima canção inspirando-se num pobre resumo de um conto traduzido de um autor quasi anonimo. Pregunta-se: qual é mais belo, o resumo de Carrillo ou a canção de Botto? Esta pregunta tem importancia, porque, referindo-se o critico depois ao soneto *As Virgens,* de Nobre, diz que ele foi inspirado num verso de Junqueiro, mas, como resultou mais belo, o caso não lhe parece digno de reparo. Se assim é, eu, que entendo que a canção de Botto é mais bela que o resumo de Carrillo, afirmo que o suposto plagio ou sugestão não tem importancia. De resto a idéa do plagio é ridicula. E Amorim de Carvalho não receia desrespeitar os factos dizendo que Antonio Botto em 1921 era um adolescente, e por isso não poderia chorar sinceramente a sua decadencia nesse poema. Não só Antonio Botto não era adolescente em 1921, como não é obrigatorio que tudo quanto um poeta chore seja absolutamente pessoal. (Acreditará Amorim de Carvalho na tese da Infanta?).

Mas Amorim de Carvalho julga mostrar que Botto andou a recolher todas as imagens esparsas na narração de Carrillo para com elas adornar os seus versos. Como fora dessas imagens tudo o mais é banal, Amorim de Carvalho conclue só ter valor aquilo que Botto foi colher a outras obras. Isto seria verdade se não fôsse falso: primeiro, que fora dessas imagens tudo é banal na obra de Antonio Botto; segundo, que essas imagens não correspondem a uma maneira profundamente pessoal de ser. Quando Amorim de Carvalho analisa imagens não encontradas nos Carrillos e outros, conclue serem essas imagens infelizes. Deve ser dificil provar-lhe o contrario, pois aquilo que constitue a verdadeira originalidade de Antonio Botto escapa ao criticó de Amorim de Carvalho. Para ele é muito melhor o poema do conde de Monsaraz, onde, na sua opinião, Antonio Botto foi côlher o fecho para certo seu poema, que o poema de Botto. Em geral para o critico são maus todos aqueles poemas de Botto onde não ha aquilo que ele considera fundamental em poesia: «a exaltação idealista da realidade». Porque lhes falta estao *exaltação idealista* não são poesia os versos de Cesario:

Como morcegos ao cair das badaladas,
saltam de viga em viga os mestres carpinteiros...

Creio nada mais ser preciso para se entender de onde vem a incompreensão de Amorim de Carvalho em face da poesia de Botto. Aquilo em que ele é mais pessoal—o seu prosaismo,—o seu ir para a poesia através do prosaico — fica-lhe completamente incompreendido, pois para Amorim de Carvalho, a poesia é uma *exaltação idealista da realidade.* E' muito respeitavel o seu ponto de vista: simplesmente é estreito. De ha muito que a poesia deu um salto; de ha muito que deixaram de se considerar limitadas a certas palavras *(Mágoa, paixão, rosa, leve, sombra, vida,* etc.), como Amorim de Carvalho supõe, as fronteiras da poesia. Só assim se compreende que ele não perceba a beleza de imagens como esta:

A noite,
—Como ela vinha!
Morna, *suave,*
Muito branca aos *tropeções*

ou se recuse a compreender que significam repetições como estas:

Mordeu-se todo
Mordedura violenta ..

Pálido sempre; dir-se-ia
Que a *palidez* aumentava.

Só por isto se explica que ele tenha caído nas infantilidades que são as aproximações entre imagens deste teor:

Os meus ombros florentinos
... Eram *chagas luminosas*
Alumiando o meu corpo,

e passos de Eça de Queiroz como o seguinte: «... A chaga incuravel do sol: *dela escorre luz».* Ou que tenha descido ao pitoresco deste paralelo:

E as *perolas*
Nos meus braços
Murmuravam.

imitação, segundo ele, do verso de Baudelaire: «Elle n'avait gardé que ses *bijoux sonores».*

Por este caminho não tarda que atribuam ao critico Amorim de Carvalho a resposta a esta pregunta: —Em que se parece um elefante com uma escova de dentes? — Em nem um nem outra subirem ás arvores.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Ladrão do mar

(Continuação da pagina anterior)

A consciencia dissera-me: «Se a ordem desse velhaco chega a cumprir-se, mata-o!

—Mata-lo-ei!—rugiu dentro de mim um não sei quê de fera. A seguir reflecti:

—Se o não fizer, terei que suicidar-me. E' preferivel a, sabendo nadar, ter que morrer nas ondas.

A confissão do crime gerára em mim o desejo do castigo. O criminoso tivera ali, a denuncia de si proprio, naquela atracção de abismo em que pretendia lançar-se, lançando-nos tambem. Se a bateira mete de encontra á foz, morreriamos afogados ou despedaçados com ela, no encastelado das ondas como serras espumantes. O barco tivera ainda uns momentos de frecha, mas o leme era resistente e desviou-o para agua mais quêda.

—Teve mêdo, senhor mestre?! Se caísse ao mar salvava-se... Religioso como é!... E se morresse não mais lhe doía nada!, disse, e teve um rir sardonico, e sempre o mesmo olhar brilhante.

Não respondi. Compreendi-me em presença dum louco. Simplesmente o olhei muito a fundo, muito firmemente, a ponto de o fazer desviar o olhar. Domára a fera humana?...

.....

A bateira tocára numa corôa de areia. Em frente estava já a praia larga, coberta de juncais e zumbreiros, «vis-à-vis» do «Gronho». Entre o barco e a terra havia como uma laguna de agua muito baixa, represada.

—Até ó Dia de Juizo, senhor mestre!—disse o velho, em tom alto, sorrisonho. Adeus, netos! —acrescentou como indiferente. E agarrando o bordão a que se arrimava, um pé calçado e outro descalço, um sapato na mão—cousa inexplicavel—meteu á agua represada, precipitadamente, como em fuga, molhando as calças até aos joelhos. Caminhava apressado.

Os netos nem lhe responderam...

— P'rá donde, senhor professor?

—P'ró Bom Sucesso, onde a agua é mais calma, e ali passaremos a noite, se houver muito mar na travessia.

Descrevemos uma grande meia lua, que eu fiz com o leme. Encalhamos noutra corôa de areia. Olhei a foz. O mar extendia-se a perder de vista num espumejar raivoso.

Era uma extensão branqueada com pequeninos intervalos de verde, um verde a atirar para barrento, de mar picado e cru.

O oceano, no seu incansavel blasonar, dir-se-ia que contava ao espaço a sua velha historia de milhões de naufragios e tormentas.

De olhar perdido no vago, como ensimesmado no todo, eu escutava aquela musica estranha que sempre soube atrair o meu infortunio, a minha vida incerta, errante e tempestuosa. Em vão tentava compreender toda a colera do mar. Teria ele desespero de não poder fazer-se entender dos homens, para poder relatar-lhes aquele crime, como tantos outros, ainda talvez mais horrendos, perpetrados, por aí além, nessas costas ?

.....

Libertos da areia, em plena Lagôa, olhei para trás, a ver se avistava o velho. Ele lá ia, pela faixa branca da praia, rente ás aguas. Caminhava como um fantasma, na meia-sombra do crepusculo. Sem olhar para trás, sem deter-se, as abas do gabão, flutuando como as asas duma grande ave negra, sumia-se ao longe, no dilúculo crepusculár, entre as trevas que chegavam, no indefinido das distancias, diluindo-se em sombra, em vago, em nada.

EUGENIO VIEIRA